

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**

**ALINE BOTELHO**

**O CONTADOR DE HISTÓRIAS: PERFIL SOCIAL, COMPETÊNCIAS,  
RECURSOS E LOCAIS DE ATUAÇÃO. UM OLHAR VOLTADO PARA  
A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS**

**MARÍLIA**  
**2018**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**

**ALINE BOTELHO**

**O CONTADOR DE HISTÓRIAS: PERFIL SOCIAL, COMPETÊNCIAS,  
RECURSOS E LOCAIS DE ATUAÇÃO. UM OLHAR VOLTADO PARA  
A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS**

Dissertação apresentado à banca do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI), como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação pela Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Marília

Área de concentração: Gestão, Mediação e Uso da Informação

Orientador: Prof. Dr. Claudio Marcondes de Castro Filho

**MARÍLIA**  
**2018**

Botelho, Aline.

B748c O contador de histórias : perfil social, competências, recursos e locais de atuação : um olhar voltado para a contação de histórias para crianças / Aline Botelho. – Marília, 2018.

92 f. ; 30 cm.

Orientador: Claudio Marcondes de Castro Filho.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, 2018.

Bibliografia: f. 76-82

1. Arte de contar histórias. 2. Contadores de histórias. 3. Leitura. I. Título.

CDD 028.9

**ALINE BOTELHO**

**O CONTADOR DE HISTÓRIAS: PERFIL SOCIAL, COMPETÊNCIAS,  
RECURSOS E LOCAIS DE ATUAÇÃO. UM OLHAR VOLTADO PARA A  
CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação da  
Faculdade de Filosofia e Ciências - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita  
Filho" – UNESP – campus de Marília, como requisito parcial para obtenção do título de  
Mestre em  
Ciência da Informação

Área de concentração: Informação, Tecnologia e Conhecimento  
Linha de Pesquisa: Gestão, Mediação e Uso da Informação

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Marcondes de Castro Filho  
Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho"  
Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília

---

Prof. Dr. Sueli Bortolin  
Universidade Estadual de Londrina

---

Prof. Dr. Márcia Cristina de Carvalho Pazin Vitoriano  
Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho"  
Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília

Marília, 27 de setembro de 2018.

*Dedico a meus pais, Ivone e Osmair, pelo apoio incondicional.  
Á Maria Clara, minha filha, grande amor e fonte de forças.  
E à Nossa Senhora Aparecida, que tanto me  
acalenta.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pois sei que nada nesta vida é por acaso. Tudo tem a mão D'Ele.

Ao meu tripé de sustentação: Ivone, Osmair e Igor

A meu Professor e Orientador Claudio Marcondes, pela ajuda e apoio e, principalmente, pela paciência e compreensão.

Aos professores do departamento, em especial às Profs. Rosângela Caldas e Marta Valentin, por toda a ajuda.

À banca examinadora, Profs. Sueli Bortolin e Marcia Pazin, por agregarem tanto valor na minha pesquisa.

Aos colegas de pós-graduação, em especial a Luan Giroto, amigo confidente e que me apoiou no período em que morei em Marília

Minhas amigas Tamires Andrade Sakay e Camila FerGuim, de Marília para toda a vida.

A Amiga e contadora de histórias Simone de Lima, lá de Marília, por muitos conselhos e incentivos.

A todos os Contadores de Histórias que cederam seu tempo, respondendo ao questionário, para que esse trabalho tão lindo, que é a contação de histórias, seja cada vez mais e mais divulgado. Agradecimentos, em especial, a Sônia Pinheiro, Daniela Soledade (Dinha) e João Paulo Honorato Fernandes, nos quais deposito uma eterna gratidão por terem me lapidado como Contadora de Histórias, mestres e exemplos que sigo.

Ao contador de histórias aqui de Ribeirão Preto Ademir Apparicio Júnior, por muitas inspirações e por toda amizade.

Ao SESC- Ribeirão Preto agradeço as inúmeras oportunidades ofertadas de contar histórias, mediar leituras, passando e adquirindo conhecimentos.

Aos amigos do SESC: Danilo Leitte, Thais Vitoriano, Márcia Simabuku, Alex Dias, Paula e Fátima que me proporcionaram muitas oportunidades.

Aos meus pequerruchos do SESC, que sempre escutavam com tanto carinho as minhas histórias, em especial a Marina Merli, Eloá e Samuel por tanto carinho; pois, mesmo que sem saberem, me mostraram por várias vezes estar no caminho certo.

Com muito carinho, à minha vó Nair (*in memorian*), que foi minha primeira contadora de histórias, sendo grata por cada minuto que passei com ela, que, mesmo estando junto ao Pai, sempre estará pertinho de mim.

À minha prima e comadre Anna, pois, sem ela, não teria tido coragem para continuar. Obrigada por todo apoio, horas de conversa e pelo amor que antes mesmo de mim, já tinha pela Maricota.

A minha prima e Comadre Érica, por todo carinho e apoio.

A prima Denise, grande incentivadora e aluna, toda carinho e amor.

À minhas tias Tata e Nilce, por todo amor e ajuda, principalmente, pela preocupação e ligações quando eu estava longe.

Ao meu Irmão Igor, que é o ponto firme sempre que preciso, que briga, briga, briga..., mas nunca me nega o amparo que só ele consegue me dar

Aos meus avós Conceição, João (*in memorian*), Nair (*in memorian*) e Ângelo (*in memorian*) que, mesmo sem saber ler e escrever, são meus exemplos de sabedoria.

Ao primo: Kaio Botelho que mesmo longe, sempre está pertinho.

A Carlos Eduardo Benassi e Rodrigo Pita meus parcas da vida e além dela... exemplos de uma amizade pura e sincera que, sem o apoio, horas de conversas, cafés e broncas intermináveis minha vida hoje, não seria como é. Toda gratidão a essa amizade linda!

Às amigas: Beatriz Novais, Sabrina Ribeiro, Amanda Pojar, Fabiana Oliveira, Marisa Padilha, Thais Mourão, Terezinha Zanetti que, mesmo longe, sempre estiveram por perto.

Aos grandes amigos da família, tios de coração e mentores intelectuais: Tio Jeová, Tia Célia, Tia Klao e Nainora.

A minha tia do coração Eliete, por ser mais que uma simples amiga.

Por Final agradeço a minha filha Maria Clara Rossetto Botelho, que nasceu em meio a esse trabalho, meu pedacinho de céu em terra, que faz de meus dias uma eterna manhã ensolarada, que me mostrou como o amor é forte e poderoso.

Ao meu Namorado Filipe, que entrou em minha vida no finalzinho desta jornada, mas que se fez presente no dia da defesa, e que se faça presente por toda minha vida!

## RESUMO

Tendo em vista a importância da leitura, este trabalho trata de um tema importante para a promoção da leitura: a contação de histórias e o profissional que as conta. Contar histórias é uma arte milenar. Antes de se ter algo escrito no papel, da existência de gêneros textuais como contos, romances, notícias escritas e registradas em livros e jornais, entre outros tipos de suportes anteriores à *web*, já se processava a narração, persistindo o contar um causo. Nos tempos atuais, com todas as tecnologias de informação e comunicação, e com a vida apressada em que se vive, acaba-se deixando passar práticas como a de contar histórias. Neste trabalho serão abordados os contadores de histórias com os quais a autora possui contato, e também contadores de histórias do Brasil, que se unem para discussões em páginas do *Facebook*. Nesse aspecto, o trabalho tem como objetivo geral entender a contação de histórias como mediação oral da informação, assim como conhecer os profissionais que atuam nesse campo. E, como objetivos específicos: a) mapear quem são os contadores de histórias; b) identificar quais são os perfis destes contadores de histórias; c) determinar quais são suas práticas e recursos; d) apresentar os locais em que atuam os contadores de histórias. Foi feito no final da pesquisa um mapa conceitual do que é ser contador de histórias e qual o papel social do contador de histórias, definição esta pelos próprios contadores que responderam a pesquisa.

**Palavras Chave:** Contação de histórias. Contadores de histórias. Mediação da informação



## **ABSTRACT**

Considering the importance of reading, this work deals with an important theme for the promotion of reading: storytelling and the professional that counts them. Storytelling is an ancient art, before having something written on paper, there are stories, novels, news stories written and recorded in books, newspapers and among other types of media, even before the web world, there was narration (and there is still ) or 'tell a story'. Nowadays, with all the technologies of information and communication, and with the hurried life in which one lives, one end up letting go of practices like "storytelling". In this work the storytellers in which the author has contact will be approached, as well as storytellers from Brazil, who come together for discussions on Facebook pages. In this aspect, the work has as general objective to understand storytelling as oral mediation of the information, as well as to know the professionals who work in this field. And as specific objectives: a) to map who are the storytellers; b) identify the profiles of these storytellers; c) determine their practices and resources; d) present the places where storytellers work. The research is still in the development phase not having, by the hour final results.

**Keywords:** Storytelling. Storytelling. Mediation of information.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                     |    |
|---------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 - Andoche .....                                            | 25 |
| Figura 2 - Avental de Contar Histórias e Fantasia.....              | 26 |
| Figura 3 - Livro auxiliando na contação de história e fantasia..... | 26 |
| Figura 4 - Teatro de E.V.A / velcometro + Fantasia .....            | 27 |
| Figura 5 - Contação de histórias com objetos.....                   | 27 |
| Figura 6 - Bocão .....                                              | 28 |
| Figura 7 - Dedoche .....                                            | 28 |
| Figura 8 - Mapa conceitual da pergunta 1 .....                      | 72 |
| Figura 9 - Mapa conceitual da pergunta 2 .....                      | 74 |

## LISTA DE GRÁFICOS

|                                                                                         |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Gráfico 1 - Idade dos Contadores de Histórias.....                                      | 57 |
| Gráfico 2 - Estados dos Contadores que Participaram da Pesquisa .....                   | 58 |
| Gráfico 3 - Formação Profissional (podendo ter mais de uma opção por participante)..... | 58 |
| Gráfico 4 - Tempo de Atuação como Contador de Histórias .....                           | 59 |
| Gráfico 5 - Locais de Atuação dos Contadores de Histórias.....                          | 60 |
| Gráfico 6 - Tipos de Recursos Utilizados para Contar Histórias .....                    | 61 |
| Gráfico 7 - Idade do Público-Alvo .....                                                 | 62 |
| Gráfico 8 - Qualquer um pode ser contador de histórias? .....                           | 64 |
| Gráfico 9 - É necessário fazer um curso para ser contador de histórias? .....           | 65 |

## **LISTA DE SIGLAS**

|      |                                                 |
|------|-------------------------------------------------|
| ABCH | Academia Brasileira de Contadores de Histórias  |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| SESC | Serviço Social do Comércio                      |

## SUMÁRIO

|                                                                                                                      |           |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO .....</b>                                                                                           | <b>13</b> |
| <b>2. REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>                                                                                   | <b>18</b> |
| 2.1 Contação de Histórias: do Antes até o Agora .....                                                                | 18        |
| 2.2 Recursos auxiliares, locais de atuação e competência dos contadores de história.....                             | 23        |
| 2.3 A mediação, a oralidade e um olhar específico para a contação de histórias voltada para o público infantil ..... | 32        |
| 2.4 A profissionalização do contador de histórias .....                                                              | 43        |
| <b>3. METODOLOGIA .....</b>                                                                                          | <b>48</b> |
| <b>4. ANÁLISE DE PESQUISA .....</b>                                                                                  | <b>57</b> |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                                                                  | <b>69</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                                                                             | <b>76</b> |
| <b>ANEXO A - Projeto de Lei Nº 7.232 de 2017.....</b>                                                                | <b>83</b> |
| <b>ANEXO B - Mapas Conceituais .....</b>                                                                             | <b>88</b> |
| <b>APÊNDICE A - Formulário Online.....</b>                                                                           | <b>90</b> |

## 1. INTRODUÇÃO

Em uma pesquisa realizada em 2017 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística<sup>1</sup> (IBGE), foi constatado que 30% da população brasileira nunca comprou um livro, e que o brasileiro lê, em média 2,43 livros por ano.

A mesma pesquisa ainda aponta que, entre as principais motivações para a leitura das pessoas que foram ouvidas na pesquisa estão: o gosto pela leitura (25%), atualização cultural (19%), distração (15%), motivos religiosos (11%), crescimento pessoal (10%), exigência escolar (7%) e atualização profissional ou exigência do trabalho (7%). Em uma sociedade onde adultos não tem o hábito de leitura, dificilmente uma criança terá incentivo para tal ato.

Bortolin (2001, s/p) afirma sobre a importância da leitura, que ocupa um papel fundamental para a formação do indivíduo, e que sua prática é alvo da atenção e dos esforços dos pesquisadores a ponto de, nos dias atuais, “não haver mais dúvidas quanto a necessidade de se proporcionar às crianças e aos adolescentes o convívio com textos literários”, para que, com isso, eles cresçam estimulados a ler, descobrir o mundo e a si mesmos.

Tendo em vista a relevância da leitura, este trabalho trata de um tema importante para a promoção da leitura: a contação de histórias e o profissional que as conta.

Contar histórias é uma arte milenar. Antes de haver algo escrito no papel, da existência de contos, romances, notícias escritas e registradas em livros e jornais, entre outros tipos de suporte, anterior à *web*, existia a narração, e persiste o contar um caso. Durante a época medieval, em que grande parte da população não era letrada, era costume arraigado a utilização de jograis, em que pessoas cantavam poesias e histórias. Nos tempos atuais, com todas as tecnologias de informação e comunicação, e com a vida apressada em que se vive, acaba-se deixando passar práticas como a de contar histórias.

Para Rasteli, Caldas e Botelho (2016):

por muito tempo, a oralidade permaneceu como o principal meio de comunicação entre os homens. A palavra tinha como função básica a gestão da memória social. Nesse caso, a apropriação cultural estaria fundada sobre as lembranças dos indivíduos. O ato de contar histórias remete a tempos longínquos, quando o homem confiava na sua memória e nas suas experiências, o resgate necessário ao desenvolvimento humano.

Em muitas culturas a memória da comunidade estava sob a responsabilidade também dos contadores de histórias, dos cantores e outros tipos de arautos, que na prática, faziam-se como autênticos portadores da memória da coletividade.

---

<sup>1</sup> Fonte: <https://www.ibge.gov.br/> Acesso em 12 mai. 2018.

No cenário da Ciência da Informação, vemos a contação de histórias não só como uma prática de lazer, mas também como uma mediação da informação, e, assim, um incentivo a práticas de leitura. Para Castro Filho e Faria (2014, p. 45):

o avanço das tecnologias digitais ocasionou não só uma mudança epistemológica no campo da Ciência da Informação, muito mais que isso, proporcionou uma mudança de paradigmas instaurada com a sociedade da informação, o objeto da Ciência da Informação não era mais a biblioteca, o livro, o centro de informação e sim a informação.

Como o objeto da Ciência da Informação é, em si, a informação, consegue-se, então, destacar a importância de atividades de fomento à leitura. Neves e Ramos (2009) aponta vantagens de leitura e argumentam que a leitura. Por permitir que haja um distanciamento, uma desconexão da realidade concreta, pode estimular o senso crítico e ainda proporcionar um espaço para reflexão com abertura a novas possibilidades acerca do viver. Lembram ainda que, em especial na adolescência, a leitura pode ocupar um papel formador capaz de mudar os rumos da vida e reorganizar pontos de vistas, mostrando que estamos experimentando afetos, tensões e angústias universais.

Ainda para Neves e Ramos (2009, p. 245), é a partir da literatura que se pode humanizar o outro, pois, diferentemente das narrativas históricas, que falam de pessoas anônimas ou de números abstratos, os textos literários nomeiam uma personagem singular que provoca uma identificação no leitor e o emociona, ou seja, o entristece, faz rir, sentir medo e coloca a vida do leitor/ouvinte junto com a vida do personagem.

Mesquita Neta (2014) afirma que escutar histórias na infância desenvolve a aprendizagem e valores, ainda ajudando na descoberta de valores e aspectos socioafetivos; em suma, um novo mundo criado em sua imaginação com ajuda dos livros. Quando se escuta histórias, passa-se a vivê-la durante a contação de histórias juntamente com o personagem principal, imaginando e se colocando como parte desta história e promovendo, então, junto a esse leitor/ouvinte, independente da faixa etária, o que os gregos denominavam de *catarse*<sup>2</sup>.

Cadin (2005), afirma que, através da *catarse*, consegue-se fazer transferências dos próprios conflitos morais e afetivos vividos pelos personagens de uma história, enfrentando-os.

---

<sup>2</sup>**Catarse** é um termo de origem filosófica com o significado de limpeza ou purificação pessoal. O termo provém do grego “*kátharsis*” e é utilizado para designar o estado de libertação psíquica que o ser humano vivencia quando consegue superar algum trauma como medo, opressão ou outra perturbação psíquica.

A prática de contar histórias vem se popularizando, uma vez que existem muitos profissionais que a ela são associados, tais como médicos, terapeutas, psicólogos, fonoaudiólogos e professores. Entretanto, pouco se sabe que essa prática é associada ao profissional da informação. Espera-se do bibliotecário que está se formando agora uma nova postura, um perfil diferente daquele suposto pela sociedade, como mostra Almeida Junior (2015, s/p) sobre “um (a) bibliotecário (a) ser um (a) velho (a) com os óculos na ponta do nariz pedindo silêncio”. A postura do profissional que está há pouco tempo no mercado de trabalho ou mesmo que ainda vai entrar nele é, como aponta Bortolin (2001, s/p), de uma postura mais comprometida, transformadora, uma vez que a diversidade de leitura tende a estimular o indivíduo a desenvolver uma visão cada vez mais crítica da sociedade.

Nesta pesquisa, a temática da contação de histórias foi escolhida uma vez que a autora do trabalho é, além de bibliotecária, contadora de histórias, e, durante cursos realizados, notou a existência de vários perfis de contadores, diferentes práticas e lugares de atuação. A temática desse trabalho se faz pela inquietação de poder estudar a contação de histórias de uma forma mais aprofundada dentro da área da Ciência da Informação, contribuindo com futuras pesquisas. A autora iniciou seus cursos no ano de 2014, e, desde então, vem se questionando sobre alguns aspectos desta prática e de seus sujeitos, tanto os profissionais contadores de histórias como os ouvintes.

Durante os cursos e através de contatos com outros contadores, foi percebido pela autora que a área da contação de histórias é procurada por tipos variados de profissionais, dentre eles pode-se citar: professores, pessoas da comunidade que querem contar histórias em igrejas ou para seus filhos e netos, aqueles que querem contar histórias em hospitais, profissionais da área da saúde que querem utilizar a prática da contação de histórias no tratamento de pacientes, alguns bibliotecários, ou até mesmo pessoas que apenas querem aprender a prática para se desinibir.

Cada profissional que conta história tem seu próprio estilo, sua mágica para prender a atenção dos ouvintes, utilizando um tipo de recurso, uma vez que estes são os objetos que o contador de histórias utiliza para auxiliar durante a contação de histórias, e uma forma própria de narrativa. Alguns se desprendem da história em si e fazem realmente uma contação podendo adaptar as histórias, outros não se desprendem do livro e fazem uma mediação de leitura, respeitando cada palavra, e dando literalmente a voz ao autor. Porém, ambos buscam uma única finalidade: levar uma história ao seu público, que pode ser crianças, adolescentes, adultos e idosos.



Esta pesquisa tem seu foco voltado para o profissional contador de histórias. Para a realização deste trabalho, fez-se necessário responder algumas inquietações pessoais da autora, uma vez que a mesma, como já mencionado, é bibliotecária e contadora de histórias para crianças.

Souza e Bernardino (2011) cita alguns aspectos que devem ser considerados para que haja sucesso na contação de histórias tais quais: espaço físico adequado, expressões e gestos adequados pelo contador. Evita-se distrações externa quando for contação de histórias para crianças. Ainda, para as mesmas autoras, é importante agrupá-las, utilizando de recursos como: baús, livros, tapetes coloridos, recortes com personagens e aventais de velcro, onde os personagens possam ser fixados.

Encontra-se materiais de estudo a respeito de contação de histórias na área da Ciências da Informação; entretanto, em quantidade excessivamente menor, se comparado a áreas como a Pedagogia, Letras e Psicologia.

Porque estudar o contador de histórias? Mateus et. al (s/a) afirmam, que contar histórias é saber criar um ambiente de encantamento, suspense, surpresa e emoção. O enredo deve ganhar vida, transformando tanto o narrador como o ouvinte; por isso, o contador de histórias deve tocar o coração e enriquecer a história com a sua própria leitura de mundo. Fleck; Cunha e Caldin (2016) apontam que o profissional deve ser um mediador de leitura, um leitor experiente, capaz de apresentar a outros potenciais leitores o vasto universo dos livros. Já Rasteli e Cavalcante (2013) afirmam que, para ser um bom profissional, é indispensável ser um leitor ativo, conhecendo as teorias de leitura, valorizando as narrativas orais e viabilizando o acesso à informação em seus diferentes suportes, entre algumas outras competências necessárias para ser um bom contador/ mediador de histórias.

A autora notou que o perfil de pessoas que procuravam aprender sobre a contação de histórias era amplo e, dos contadores com as quais a autora teve contato, tanto pessoal/profissionalmente ou via formulário, variou entre: bibliotecários, professores, funcionários de Recursos Humanos, pessoas da comunidade que sentiam vontade de contar histórias para seus filhos, sobrinhos e netos, pessoas que queriam aprender para contar histórias na igreja e profissionais da saúde. Tendo em vista diferentes perfis e diferentes competências, sentiu-se a necessidade informacional de discorrer sobre o assunto e estudá-lo de uma forma mais aprofundada.

Neste trabalho serão abordados os contadores de histórias com os quais a autora possui contato, e também contadores de histórias do Brasil, que se unem para discussões em páginas do *Facebook* e se apresentam como tais.

Além de se inquietar com os diferentes perfis dos alunos dos cursos que já participou, contatos com profissionais atuantes e alunos de cursos de contação de histórias ministrado pela autora, a mesma se interessou também pelos vários motivos que levaram esses contadores a serem considerados como tal. Além disso, não deixando de se inquietar também pelas várias formas com as quais se pode contar uma história, e como cada contador se adapta e toma para si uma determinada maneira com determinado recurso e, por fim, os diferentes lugares de atuação do contador.

Alguns contadores relatam que queriam contar na igreja, na catequese, durante o evangelho nos cultos. Outros são pedagogos ou futuros profissionais da área, que gostariam de utilizar a técnica para trabalhar em sala de aula. Há também profissionais da saúde, como, por exemplo, fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais, que aplicariam as técnicas para atender melhor seus pacientes. Existem também bibliotecários e estudantes de Biblioteconomia, que gostariam de trabalhar com as histórias nas bibliotecas. Voluntários atores que atuam como palhaços em hospitais, contando histórias nos leitos, avôs que querem aprender a encantar seus netos, pessoas tímidas por vencer a timidez e atores que desejam seguir carreira como contadores de histórias.

Por viver neste meio e ter contato com pessoas de diversas áreas do conhecimento, com ideias diferentes para a mesma atividade, a autora sentiu vontade de estudar esta classe.

Nesse aspecto, o trabalho tem como objetivo geral entender a contação de histórias como mediação oral da informação, assim como conhecer os profissionais que atuam nesse campo.

E como objetivos específicos:

- a) mapear quem são os contadores de histórias que utilizam a rede social *Facebook* pertencentes a rede social da autora;
- b) identificar quais são os perfis destes contadores de histórias;
- c) determinar quais são suas práticas e recursos e;
- d) apresentar os locais em que atuam os contadores de histórias.

Esse estudo se deu por meio de um levantamento bibliográfico para a elaboração do referencial teórico. Foi aplicado um questionário online sobre questões acerca de contar histórias, e o método de aplicação deu-se por meio da metodologia *Survey* com elementos do método *Delphi*, sendo utilizados também para a computação dos resultados. Foram enviados 100 questionários, e obteve-se retorno de 27, e, através deles, foi possível elaborar uma definição de contação de histórias e do papel social do contador de histórias definido pelos próprios contadores, que foi, por final, exposto na forma de um mapa conceitual tipo fluxograma.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

Com o surgimento das tecnologias como TV, *tablets*, celulares, entre outros, estas oferecem uma diversidade de novos suportes para diversos tipos de narrativas, sendo elas tradicionais ou não. Entretanto, faz-se necessário lembrar que a tradição é mais do que apenas relembrar o passado ela se firma na prática cotidiana, assim constrói-se a memória e é reafirmada a memória, seja ela individual ou coletiva. Nestas páginas seguintes, abordaremos a contação de histórias em sua parte teórica, e sua prática, apontando temas como recursos, locais de atuação, perfil dos profissionais e fechando com a temática muito atual da profissionalização deste profissional e seu mercado de trabalho.

### **2.1 Contação de Histórias: do Antes até o Agora**

A contação de histórias remonta à Antiguidade. Mesquita Neta (2014, p. 89) afirma que ela existe desde “quando os povos queriam relatar algum acontecimento vivenciado, ou até mesmo experiências e conjunto de saberes”.

Eram então contadas de forma oral, assim como eram contados os mitos, lendas, contos de fadas, fábulas, etc. Nos primórdios da linguagem, não havia uma literatura infantil propriamente dita. Sabe-se, no entanto, que com o passar do tempo foram feitas algumas modificações na literatura, como aponta a autora acima citada (2014). Sendo assim, foram feitas algumas adaptações das histórias adultas para o universo infantil, e que as histórias contadas nos primórdios privilegiavam somente a oralidade, pela inexistência do livro.

De acordo com Teberosky e Colomer, (2001), a literatura infantil surge, de fato, no século XVIII, pois aí foi considerada a infância como um estágio diferenciado da vida adulta, com interesses e necessidades diferentes. Como desdobramento, foi a partir desse momento que começou a pensar em livros infantis.

Para Coutinho (2004), no Brasil, a literatura infantil surge logo após a escravatura, e posteriormente, teve como grande precursor Monteiro Lobato.

A partir deste momento de novas literaturas surgiu a necessidade de contar/preservar essas histórias. Nota-se uma diferença entre ler e contar uma história. Para Mesquita Neta (2014), ler significa que irá se utilizar fielmente das palavras do livro, e quando se conta, há um relato do que já foi lido.

Trazendo a discussão acima para o tempo atual, pode-se dizer que hoje em dia se vive numa sociedade da informação, onde a busca pelo conhecimento é primordial, e, como afirma Fleck (2015), a informação é a base para tomada de decisões nas várias esferas sociais, e que, para esse tipo de sociedade, o que importa é a partilha cotidiana e segmentada de emoções e pequenos acontecimentos, as pessoas então sentem falta da partilha, da comunicação de dividir o que a autora chama de um ‘tempo afetivo’. É nessa condição de proporcionar o afetivo que contar histórias volta à tona, dando vazão à comunicação e traduzindo por meio de palavras os acontecimentos cotidianos, memórias, dúvidas, angústias, alegrias e prazeres.

Para Fleck (2015), a figura do contador de histórias ressurgiu na última década do século XX, com nova roupagem e vigor. O contador de histórias contemporâneo tem como perfil ser um animador cultural e um artista performático. Dessa maneira, a contação de histórias pode contribuir para o reencantamento, construção ou reconstrução do mundo

Mateus et.al. (s/a) afirma que contar histórias é uma atividade fundamental que transmite conhecimentos, valores, e que sua atuação é decisiva para a formação e desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem quando contada a crianças. Dentre vários, e por esses motivos, os autores afirmam que é necessário um preparo para tal prática e função.

Para Dohme (2013, p.25) é muito importante o estudo e preparação para se contar uma história: “[...] a pesquisa, o teste e o treino farão com que de uma história se chegue a outra e com alguma habilidade e dedicação, estaremos aptos a fazer adaptações à técnica desejada ou mesmo criar nossas próprias histórias”, dando a entender a necessidade de uma preparação técnica e intelectual do ato de contar histórias, assim como a escolha da história a ser contada.

Mateus et.al (s/a) aponta que contar histórias é preparar um ambiente com encantamento, suspense, surpresa e emoção, onde os personagens ganham vida, transformando narrador e ouvinte. Pensando quanto ao tema da história a ser contada, Dohme (2013) aponta que se pode recorrer a diversos gêneros, tais como as histórias de fadas, fábulas<sup>3</sup>, lendas<sup>4</sup> folclóricas, passagens bíblicas, fatos históricos, do cotidiano e narrativas de aventuras.

---

<sup>3</sup> Fábula: Composição, geralmente em verso, em que se narra um fato cuja verdade moral se oculta sob o véu da ficção. (<https://dicionariodoaurelio.com/fabula>)

<sup>4</sup> Lendas Tradição escrita ou oral de coisas muito duvidosas ou inverossímeis. (<https://dicionariodoaurelio.com/lenda>)

Para a escolha dos textos, a mesma autora (2013, p. 25) disserta sobre a relevância de saber exatamente os assuntos preferidos relacionados a cada faixa etária:

até três anos: histórias de bichinhos, de brinquedos, de animais com características humanas (falam, usam roupa, tem hábitos humanos), histórias cujo personagens são crianças. Entre três e seis anos: Histórias com bastante fantasia, histórias com fatos inesperados e repetitivos, cujos personagens são crianças ou animais. Sete anos: Histórias de aventura num ambiente conhecido (escola, bairro, família etc) histórias de fábulas ou de fadas.

Oito anos: Histórias que utilizam a fantasia de forma mais elaborada, histórias vinculadas à realidade.

Nove anos: Aventuras em ambientes longínquos (selva, oriente, fundo do mar, outros planetas) histórias de fadas com enredos mais elaborados, histórias humorísticas, aventura, narrativas de viagens, explorações e invenções).

Dez a doze anos: Narrativas de Viagens, exploração, invenções, mitos e lendas

Adolescentes: histórias de passar a perna como as histórias do Pedro Malasarte.

Adultos: Histórias que lembram os tempos de antigamente, e versinhos.

Dohme (2013) afirma que, uma vez escolhida a história, é necessário estudá-la para ter elementos para a preparação da narração, fazer as adaptações necessárias, escolher o que será utilizado de recursos auxiliares e qual a melhor técnica. Pode ocorrer de se ter mais de uma fonte de pesquisa, em que cada narrativa apresenta peculiaridades próprias, mesmo que sejam iguais em sua essência, mas divergindo em detalhes. Neste caso, pode-se escolher uma das versões ou fazer uma média das versões, ressaltando o elemento que o contador preferir ou que melhor aproveite a mensagem que ela encerra. A mesma autora (2013, p. 26) diz que "para estudar uma história<sup>5</sup> é preciso, em primeiro lugar, divertir-se com ela, capturar a mensagem que nela está implícita e, em seguida, após algumas leituras, identificar os seus elementos essenciais".

Souza e Bernardino (2011, p. 245), apontam alguns pontos importantes na preparação como a postura corporal do contador, que deve ser ereta e equilibrada, com musculatura relaxada, permitindo a flexibilidade e expressividade corporal. Deve-se também estar sensibilizado com a narração, "é preciso que haja identificação entre o narrador e o conto" (2011, p. 245).

Dohme (2013) mostra que o estudo dos elementos considerados importantes da história, que durante a contação de histórias devem ser destacados, pois influenciam diretamente na trama, na forma da narração e identificação do público a que se destina. Por fim, na escolha da melhor técnica para a apresentação, sendo eles o enredo, personagens principais; ambiente

---

<sup>5</sup> Neste livro de Vânia Dohme, a autora disponibiliza uma ficha de auxílio do estudo das histórias a serem contadas para facilitar as análises pelos contadores de histórias. Ver anexo.

(local, época, civilização); cenários (quantas cenas são necessárias para seu desenvolvimento) e, por último, a mensagem e o conteúdo da história.

Ler a história antes de apresentá-la e preparar a contação de histórias é um cuidado essencial. Busatto (2003) descreve que narrar não é um ato simples e banal, sendo uma arte que requer cuidado do contador de histórias. A contação, para a autora, tem como protagonista a palavra, e ‘o ouvir leva ao imaginar e o narrar deve encantar’. Complementando Busatto, Abramovich (1991) afirma que contar histórias é o uso simples e harmônico da voz. A expressão, a entonação bem usada repassando sentimentos e a clareza no dizer são técnicas fundamentais ao contador.

A história, em si, deve apresentar quatro partes importantes, como a introdução, o enredo, o ponto culminante e o desfecho da história. Nesse aspecto Dohme (2013, p. 27) discorre

Introdução: é o que situará os ouvintes no tempo e no espaço e apresenta os principais personagens. Deve ser clara, sucinta, curta, mas suficiente para esclarecer os elementos que comporão a história. Se a versão original não satisfizer todos os requisitos, caberá ao contador da história complementá-la com alguma pesquisa ou mesmo com sua imaginação.

Enredo: A sucessão de episódios, os conflitos que surgem e a ação dos personagens formam o enredo. É importante destacar o que é essencial e o que são os detalhes. O essencial deve ser rigorosamente respeitado já que os detalhes podem variar conforme a criatividade do narrador, a situação que se deseja abordar, as facilidades ou limitações da técnica usada ou mesmo o tipo de audiência.

Ponto culminante: Em uma história bem produzida, ponto culminante surge como uma consequência natural dos fatos arrolados de forma ordenada e sucessiva. O contador deve estudar a intensidade da emoção em cada fato e as estratégias para despertar as sensações desejadas.

Desfecho: a história atingiu seu ponto culminante, agora só resta concluí-la, a conclusão deverá ser simples, preferivelmente sem fazer alusão da moral da história ou às lições que ela encerra, uma boa narração expõe a conclusão, cabe aos ouvintes, encontrá-la.

Continuando, “as histórias, além de encantarem e divertir, são uma importante ferramenta educacional, de forma que faz parte do estudo de cada uma delas detectar em que ponto contribuirá com o desenvolvimento dos seus ouvintes” (DOHME, 2013 p. 29).

Todas as histórias contribuem, de uma forma ou de outra, para a educação, despertar de sentimentos, distração, para proporcionarem momentos agradáveis. Porém, diferenciam-se quanto à intensidade e característica. Algumas, quando alocadas com determinada finalidade, desenvolvem a imaginação, outras desenvolvem o senso crítico, e o mesmo se faz com distinção de valores e até mesmo, como já citado, ajuda a resolver problemas internos.

É preciso, entretanto, destacar os aspectos éticos de cada história para poder enfatizá-los na sua adaptação e narração. Ter bem claro os objetivos educacionais de cada história facilitam o planejamento do contador de histórias, que assim dosará as diversas histórias ao longo do período que tem disponível para contá-las.

Souza e Bernardino (2011, p. 247), afirmam que não há um horário certo para contar histórias, entretanto quando se conta em sala de aula, os melhores horários são antes do recreio ou almoço, ou ao final do dia.

Dohme (2013, p. 33) afirma que é importante saber que a hora de contar histórias “estarão enganados os pais se pensarem que, porque se prepararam e até confeccionaram bonecos, poderão contar histórias a hora que quiserem”. A autora afirma, ainda, que a hora do conto deve ser fruto da combinação entre os dois: narrador e ouvinte. Sendo assim, não basta apenas o contador estar preparado para contar uma boa história, mas cabe também ao ouvinte estar preparado para ouvi-la, principalmente quando esse ouvinte é uma criança que não vai querer ouvir histórias na hora do seu programa preferido na televisão, como também não terá vontade quando estiver com fome ou sono, ou quando está ansiosa para algum acontecimento como uma viagem ou o início as aulas. É fundamental, para uma boa contação de histórias, um respeito do espaço pessoal entre o contador e o ouvinte, seja ele da idade que for, pois um momento agradável pode se tornar um momento de conflito.

Nesses casos, quando se trata de uma criança, pode ser feito um acordo como mostra Dohme (2013b), ou concordam em um horário específico para a história ser contada como antes de dormir, ou após o trabalho do responsável, e até mesmo combinar de levar a criança a uma contação de história em dados finais de semana. Outra questão importante é o local da contação de histórias. Considerando que esse momento extrapola muito o simples fato de contar uma história, esse é um momento de interação, aconselhamento, de troca de amor, e ele deve ser preparado para que se tenha um bom “clima”. O local não deve ser um aonde pessoas não param de passar, ou com a televisão ligada, em que fiquem mal acomodados tanto contador quanto o ouvinte. O lugar deve ser tranquilo, confortável e agradável, e que nada ao redor tire a concentração nem do ouvinte nem do contador.

Dohme (2013b) descreve o que seria um bom local para contar histórias, como um cantinho com almofadas, sem sons, um tanto quanto escurecido. Isso já irá dispor a um momento aconchegante, onde o ouvinte participará com muita atenção e interesse.

## 2.2 Recursos auxiliares, locais de atuação e competência dos contadores de história

O contexto da contação de histórias como apontado por Dohme (2013, p. 16), é utilizado por várias pessoas no dia-a-dia, que, mesmo sem nem se darem conta, utilizam por exemplo para dar ênfase ou veracidade a uma afirmação alguns tipos de recursos, como entonação de voz, e até mesmo a frase “Você ouviu falar...”, e como aponta a mesma autora, as histórias podem ser usadas para as mais diversas intenções. Uma forma delas é a interação entre pais e filhos; a outra, é a aproximação dos leitores com o ambiente informacional que frequentam.

Fleck (2015, p. 319), afirma que o contador de histórias do século XXI, expõe seu trabalho por meio de espetáculos de narração oral e performances artísticas elaboradas, como o domínio de técnicas vocais e corporais e critérios para seleção da história. Acrescenta-se à fala de Fleck que o contador de histórias contemporâneo pode se utilizar de ferramentas para enriquecer a história e ajudar em suas apresentações, os ditos recursos auxiliares.

Dohme (2013b) diz que, após escolher a história e estudá-la, o contador deve decidir se usará apenas a voz ou se usará tipos de recursos auxiliares tais quais fantoches, balões e marionetes, entre outros. Em relação ao narrador, o uso desses recursos tem suas vantagens e desvantagens. Um dos pontos a favor é que os recursos darão importante apoio à sua narração por serem engraçados e despertar curiosidade dos ouvintes, e seu uso, se feito corretamente, já dá como praticamente certo o sucesso da história. A desvantagem está na necessidade de fazer, comprar ou elaborar os recursos, pois, além de contar bem a história, se deve ter total domínio sobre a manipulação dos recursos.

A mesma autora (2013b) também discute a questão da interação do contador de histórias e os ouvintes, onde o recurso pode servir de gancho para a interação entre os dois, como pode também acanhar a plateia, dificultando a interação desejada. Em uma situação como esta, cabe ao contador senti-la, retirar o recurso e readaptar a história para um melhor aproveitamento da mesma.

Para Dohme (2013b), quando se trata de contação de histórias para crianças, o uso de recursos tem somente vantagens, pois as crianças adoram ver todos os tipos de recursos, e adoram até mesmo participar manuseando alguns deles. O uso de recursos não precisa ser a todo tempo, pode ser intercalado com momentos de narração simples e até mesmo com leitura de livros.



Esta pesquisa tomou por base alguns livros de técnicas para contar histórias. Dentre eles, os <sup>6</sup>recursos citados foram:

- Andoche: Tipo de dedochê feito de materiais leves como feltro, E.V.A, cartolina etc., tendo dois orifícios para colocar os dedos, simulando assim as perninhas do dedochê.
- Avental de contar histórias: dela retiram-se as peças do bolso e colam-se para contar uma história.
- Bocões: Fantoches com bocas grandes e bem coloridos, que auxiliam nas contações de histórias e na interação com o público.
- Decoração do local de apresentação: deixar o local com uma certa magia e aconchegante para contar a história.
- Dedochê: mini fantoches que se encaixam no dedo para contar histórias, feito normalmente de feltro.
- Dobraduras: Formas que se dão por dobras feitas no papel.
- Efeitos sensitivos: durante uma história que se passe em uma cachoeira, por exemplo, borrifar água próximo aos ouvintes, entre outros exemplos.
- Efeitos sonoros: imitar uma batida na porta, ou passos de alguém durante a história, e até mesmo mudar a voz quando se trata de personagens diferentes.
- Fantasias: Roupas diferentes usadas para contar as histórias.
- Fantoche de plaquinhas: personagens e cenários feitos de papel e presos em um palito de sorvete.
- Gravuras: figuras ilustrativas retiradas de alguma fonte de informação.
- Imantógrafo: quadro magnético onde os personagens são presos através de imãs
- Interação com a narração: Canções, diálogos e participações da plateia durante a contação de histórias.
- Livro: quando o contador utiliza somente sua voz para contar e o livro para ilustrar a história.
- Maquete: cenário reduzido feito ou comprado pelo contador para ilustrar a história.
- Marionetes: um boneco preso por fios manipulado pelo contador que fica oculto atrás de um pequeno cenário.
- Músicas: Cantar algumas músicas durante a contação de histórias, ou também utilizar do auxílio de um rádio e cd's.
- Novela em quadrinhos: ilustrações que são mostradas ao ouvinte ilustrando a história.

---

<sup>6</sup> Ver figuras exemplificando os Recursos no Anexo.

- Objetos que se tem em casa, para instigar a imaginação: ao contar uma história com um jacaré utilizar um prendedor de roupa, ou um garfo para ilustrar um príncipe com uma coroa...
- Palco e fantoches
- Teatro de EVA
- Teatro de fantoches
- Teatro de Papel
- Teatro de sombras
- Velcômetro: utilizar de personagens e pregá-los a uma superfície utilizando velcro.

**Figura 1** - Andoche



Fonte: Google Imagens

**Figura 2 - Avental de Contar Histórias e Fantasia**



Fonte: Arquivo pessoal (2015)

**Figura 3 - Livro auxiliando na contação de história e fantasia**



Fonte: Arquivo Pessoal (2015)

**Figura 4** - Teatro de E.V.A / velcometro + Fantasia



Fonte: Arquivo pessoal (2016)

**Figura 5** - Contação de histórias com objetos



Fonte: Google imagens

**Figura 6 - Bocão**



Fonte: Google Imagens

**Figura 7 - Dedoche**



Fonte: Google Imagens



Quando se trata sobre a preparação para a contação de histórias Dohme (2013, p. 31) salienta que

fala-se muito que contar histórias é um dom, não pensamos assim. Existem pessoas que tem mais facilidade, e outras que tem menos, mas todas são perfeitamente capazes de contar uma história de forma a despertar atenção e interesse, desde que se preparem para isso. Muito mais que um dom, contar histórias é técnica e preparo. Em primeiro lugar é preciso entender a história, destacar em que lugar se passa, em que época, quem são os personagens principais, os secundários, quais são as suas características. É importante também perceber na história quais são os pontos que interessam mais ao ouvinte específico, de acordo com sua idade e referências pessoais, para enfatizá-los, talvez dar um toque de humor, como também eliminar passagens de pouco interesse que não são essenciais para a compreensão da história.

A autora deste trabalho concorda com Dohme, quando refere que contar histórias é um dom. Como dito, o simples fato de contar um caso ocorrido é uma história; entretanto, esta acredita que, a partir do momento que o contador de caso pretende tornar-se um contador de histórias profissional, e fazer deste seu ganha-pão, é preciso especializar-se, estudar, fazer cursos, dominar linguagens corporais e a fala, utilização de recursos, trabalhar a timidez e o contato com o público. Entretanto, entende também que a experiência pessoal de cada contador faz a diferença em seu modo de apresentar, sendo então essencial juntar a capacitação e as experiências pessoais para ser um contador de histórias profissional.

A contadora de histórias Lívia Alencar<sup>7</sup> cita, em suas aulas do ‘Curso Básico para contar histórias’, a importância de uma história bem contada, por um profissional capacitado. Neste quesito, alguns pontos cruciais que um bom contador de histórias deve dominar, dentre eles o principal, é a voz. Para Dohme (2013), a dicção, volume, velocidade, tonalidade e vocabulário, são de fundamental relevância para uma história bem contada. A autora mostra que a

dicção: é frequentemente culpada quando uma mensagem não é entendida, se as palavras não forem bem pronunciadas, a mensagem é recebida de forma truncada, porque a não compreensão de uma palavra pode levar a não compreensão de uma frase inteira, e não entender uma frase pode prejudicar o entendimento de toda a história. O pior é que se a dicção for ruim, não é só uma palavra que não é entendida, são várias. No final a comunicação é reduzida a uma sucessão de palavras incompreensíveis, apenas por que não se cuidou de falar claramente palavra por palavra, ou para ser mais exato, sílaba por sílaba. Volume: embora pareça uma coisa simples o principal problema que impede a compreensão de um discurso ou narração é quando ele é feito em voz muito baixa, as pessoas simplesmente não te escutam. O narrador deve ter consciência de que ele não está na mesma distância das pessoas do que quando está conversando informalmente. Outro fator é que, quando se está próximo, as pessoas completam a interpretação por meio dos movimentos dos lábios e das expressões faciais, o que também fica prejudicado com a distância. O inverso é muito desagradável falar alto demais, gritando. Assim pessoas que estão falando em público devem ajustar o volume da voz à situação em que se encontram.

---

<sup>7</sup> Pedagoga e contadora de histórias brasileira que atualmente vive em Salt Lake City, EUA.

Velocidade: pode ser medida pelo número de palavras que uma pessoa pronuncia em um espaço de tempo determinado. Cada narrador tem uma velocidade na fala, isto é uma característica individual. Mas deve-se cuidar quando esta velocidade influi na compreensão do texto. A velocidade está ligada obrigatoriamente falar mais devagar, para ajudar na compreensão da sua comunicação. Variar a velocidade da voz pode auxiliar na interpretação do texto: falar mais rápido pode expressar uma emoção, um sentimento de urgência, e falar mais devagar é adequado quando se deseja passar um sentimento de paz, harmonia, serenidade.

Tonalidade: os sons classificam-se em graves e agudos. Cada pessoa tem seu registro vocal próprio, mas facilmente pode alcançar tons abaixo e acima desse registro. Isso será suficiente para conseguir efeitos surpreendentes. A adoção de certos estereótipos ajuda a compreensão do texto, por exemplo: meninas têm fala aguda, falam ‘fininho’, homens corajosos e ursos falam sempre grosso, grave, velhinhas falam levemente agudo e tremido, fadas adocicadas e bruxas têm voz aguda e estridente. Os diversos personagens dentro de uma narrativa podem ter característica vocal própria, o que será muito atraente, mas também perigoso, pois necessita da atenção do narrador para manter a característica de cada personagem e altera-la rapidamente na mudança de personagens e nos diálogos.

Vocabulário: as pessoas podem não estar entendendo a comunicação simplesmente por que não conhecem o sentido das palavras que estão sendo usadas. Principalmente quando estamos falando com crianças. Também neste caso a não compreensão de uma palavra prejudicará o entendimento de toda a frase. A incompreensão de uma frase pode levar a uma sucessão de incompreensões que acaba levando ao desinteresse e à desistência em acompanhar a narrativa. O correto é usar palavras simples, das quais se tem certeza de que o ouvinte as entenderá. (DHOME, 2013, p, 40)

Assim como os itens acima citados, é muito importante também, segundo a autora (2013a) que o contador de histórias domine sua expressão corporal, pois o bom narrador não se senta e fica falando, pois, o corpo deve acompanhar cada palavra que está sendo dita. Todo corpo fala, desde a posição do tronco, braços, mãos, dedos, a postura do ombro, o balanço da cabeça e as expressões faciais e a dos olhos. Os gestos devem sempre estar coerentes com a narração, usando-os sempre para aperfeiçoá-la, e nunca de forma não calculada, sistemática, já que pode confundir a plateia, principalmente se estiver composta de crianças. Para Dohme (2013a), a comunicação do semblante é algo importantíssimo na competência para um bom contador de histórias, onde as emoções do nosso interior são transmitidas através da expressão do rosto. Tristeza, alegria, surpresa, espanto: a expressão facial poderá falar mais do que muitas palavras.

Fleck (2015, p. 218), como já dito, aponta que o contador de histórias do século XXI utiliza-se de performances artísticas elaboradas e narração oral. Patrini (2005) diz que a arte de um novo contador de histórias exige uma passagem pelo texto antes mesmo de viver o ato de contar. O contador contemporâneo, que vem de diferentes meios sociais, políticos, religiosos e estéticos, conhece novas práticas culturais, pois este é um leitor antes mesmo de ser um intérprete. Fleck (2015) mostra, em sua pesquisa, que o contador de histórias contemporâneo tenta enaltecer e delimitar os contornos de sua prática, e aponta que, ao assumi-la como

profissional, se vê obrigado a lidar com oscilações e inconstâncias próprias do mundo artístico; então, o mesmo se empenha na busca de sua própria identidade.

Com a proliferação de sites e blogs na internet com o intuito de divulgar os contadores de histórias, eventos, cursos entre outros o profissional, como aponta Fleck (2007) utiliza-se destes meios como fonte de pesquisa principalmente de registros escritos, fazendo então pouco uso dos registros orais como o contador tradicional fazia. A autora supracitada em seu texto denominado “o contador de histórias: uma nova profissão?” fez um levantamento do perfil das pessoas que buscavam um aprimoramento ou um norte na arte de contar histórias em Florianópolis no ano de 2007. Dentre estes, pode-se citar professores, bibliotecários, psicólogos, recreadores, atores, mímicos, músicos, estudiosos da literatura, escritores aposentados, donas de casa, e também avós, pais e alguns outros interessados. Este dado vem para afirmar o perfil dos contadores estudados nesta pesquisa como mostrado nas considerações finais. Através de cursos de profissionalizantes, workshops, minicursos e oficinas, os contadores de histórias se capacitam na arte, e aprendem formas e técnicas de contar e encantar.

Para contar uma boa história, é importante saber fazer uso do silêncio, fazendo pausas para instigar o suspense, valorizando o que virá a ser dito, assim como fazer imitações é muito útil se tratando de histórias infantis, como cita Dohme (2013, p. 46):

O monstro fala grosso, grave, alto e pausadamente, seu corpo é truculento, o que se consegue mostrar com as pernas afastadas e ‘arredondadas’ com o pescoço esticado movendo-se junto com a cabeça. A princesinha tem uma voz adocicada, seus gestos são comedidos, graciosos, harmoniosos, como em uma postura de ballet clássico. Já uma criança fala fininho sua gesticulação é vívida agitada e as vezes quem a representa dá até pulinhos.

Assim como ter um “*timing*”<sup>8</sup>, Dhome (2013) afirma que fazer bom uso da voz, das expressões faciais e corporais, entre outras competências do contador de histórias é fundamental para o sucesso tanto da contação de histórias quanto do contador. Mas não se pode deixar de citar a experiência do contador de histórias, seu conhecimento empírico, experiências de vida e de contação de histórias. Cada nova contação de histórias é uma nova experiência, mesmo que a história já tenha sido contada muitas vezes.

Quer como herdeiro, quer como reencarnação do narrador tradicional, o contador de histórias contemporâneo se esforça para manter o que mais aprecia na arte narrativa: a naturalidade e a intimidade na relação com seus ouvintes e com as histórias que conta. (FLECK, 2015, p. 323)

---

<sup>8</sup> Expressão inglesa que significa dentro da contação de histórias, ter a capacidade de adequar as diversas fases de uma exposição às reações do público, ou seja, dar o “tempo certo” em uma narração. (Dohme, 2013a, p. 47)



### **2.3 A mediação, a oralidade e um olhar específico para a contação de histórias voltada para o público infantil**

Pela facilidade dos meios de informação, hoje nos deparamos com uma dificuldade muito grande quando se diz respeito a competir a atenção, não só das crianças para uma contação de histórias à moda antiga, mas do público de um modo geral.

Se, desde os anos iniciais de uma criança, houver o incentivo ao hábito da leitura, há maior possibilidade delas se interessarem pelo estudo e se tornarem seres críticos que refletem antes de aceitar uma informação como verdadeira. Essa atitude de reflexão torna o sujeito um cidadão crítico, que entende e discute os fenômenos sociais, incluindo-se socialmente.

Dentro da Ciência da Informação, a mediação tem alguns conceitos relevantes que devem ser apontados. Entretanto, essa pesquisa se atentará ao conceito de mediação segundo Almeida Júnior (2015, p. 25), quando o autor apresenta que

toda ação de interferência- realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais -, direta ou indireta consciente ou inconsciente singular ou plural individual ou coletiva, visando a apropriação e a mediação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais.

Faz-se necessário explicar o porquê de estar apontado nessa pesquisa o conceito de mediação da informação. Coloca-se então, para melhor discorrer o tema, a contação de história como uma das ações prováveis, sendo a interferência realizada por um profissional da informação de forma direta, consciente, plural, individual ou coletiva. Este exemplo fundamenta-se uma vez que o de histórias, sendo ele de qualquer formação, a partir do momento em que inicia a contação de histórias, está de alguma forma, e, em algum grau, sendo ouvido por crianças, adultos, adolescentes e idosos.

Quando colocado na prática da contação de histórias o conceito acima citado de mediação da informação, aponta-se também o papel fundamental do contador em tornar essa informação que por ora pode ser inconsciente, em informação consciente, pois uma história poder ser contada com diversas finalidades, apenas por contar uma história, ou para ser feito algum trabalho didático baseado na história, e até mesmo para trabalhar com as crianças algum valor moral (ALMEIDA JÚNIOR, 2015).

Como exemplo, cita-se a fábula de La Fontaine<sup>9</sup> sobre a Formiga e a Cigarra, que ensina os ouvintes sobre a preguiça e a falta de organização. Há uma troca de informações quando se conta histórias para um determinado público, a informação que é passada pelo contador de histórias e a resposta/ interação do público perante essa história.

Quando se pensa na figura do contador de histórias, remete-se, como já dito, aos primórdios das comunicações, ao tempo onde só existia a oralidade como forma de propagar e mediar, como aponta Silva et.al. (2017), quando a contação de histórias era utilizada para transmitir cultura, tradições e relatar o cotidiano.

Quando crianças, a nossa primeira relação com o mundo, como destaca Silva (2015), é, de fato, pela oralidade, nos norteando na aproximação entre pessoas, favorecendo o conhecimento da língua, da informação e do afeto.

Para o mesmo autor, desde as conversas entre os pais com o bebê ainda na barriga da mãe, do nascimento aos primeiros balbucios, das primeiras palavras às frases completas, tudo é mediado pela palavra oralizada. O contato com o mundo é de fundamental importância para o desenvolvimento infantil, pois é nos primeiros anos, como afirma Silva (2015) que a criança adquire e usa a linguagem oral, antes mesmo de entrar na escola e ser letrado, e após ser escolarizada, a criança fará o uso sistematizado da escrita e, neste processo, incorpora-a à oralidade.

Mateus et.al. (sem data) aponta que a contação de histórias é uma das atividades mais antigas de que se tem notícias, remontando à época do surgimento do homem há milhões de anos, “contar histórias e declama versos constituem práticas da cultura humana que antecede o desenvolvimento da escrita (s/a, p.55).

A oralidade torna-se indispensável no cotidiano, levando o contexto da contação de história para o desenvolvimento da criança e seu papel como um auxílio aos educadores. Silva (2015) afirma que toda relação, quer seja dentro ou fora da sala de aula, será mediada pela oralidade. No âmbito da mediação dentro das salas de aula e na biblioteca escolar, ligada portanto, diretamente ao conteúdo e aos aspectos pedagógicos, cabe destacar a oralidade para mediar a leitura e formar leitores. Assim, como afirma Silva (2015, p. 104) “o oral auxiliará na promoção da leitura por meio da hora do conto”.

---

<sup>9</sup>Jean de La Fontaine (1621-1695) foi poeta e fabulista francês. Autor das fábulas, "A Lebre e a Tartaruga", o "Lobo e o Cordeiro", entre outras. Jean de La Fontaine (1621-1695) nasceu em Château-Thierry, na região de Champagne, França, no dia 8 de julho de 1621. La Fontaine só se tornou conhecido em 1664, com os contos e com suas primeiras fábulas, dedicadas ao filho de Luís XIV. Recebia do rei uma pensão anual de mil francos, e ainda a amizade de Fouquet, o superintendente das finanças reais, que lhe concedeu um emprego, para ajudar na sua obra poética. Fonte: [https://www.ebiografia.com/jean\\_de\\_la\\_fontaine/](https://www.ebiografia.com/jean_de_la_fontaine/) acesso em 15 jul 2017.

A criança quando está no início da sua vida escolar, ou seja, na Educação Infantil, são muito estimuladas pelos professores com ações de leitura em sala de aula e/ou na biblioteca; entretanto o percentual de pais que leem para seus filhos é ínfimo e estes quando adentram a adolescência, tem o estímulo à leitura fomentada apenas na escola, pelos educadores e/ou bibliotecários (BORTOLIN; SANTOS, 2014).

Levando então em conta o contexto educacional e pedagógico, a oralidade como ressalta Silva (2015) tem muita relevância e deve ser oportunizada para que as crianças tenham a possibilidade de um desenvolvimento pleno, de estímulo à sua imaginação e à fantasia, para que tenha encontro com a leitura e por fim, para que se torne um adulto capaz de viver a vida de uma melhor maneira.

Pesquisar a respeito da mediação em suas várias abordagens tem se mostrado uma tarefa cada vez mais importante para a Ciência da Informação. Essa temática vem sendo estudada há algum tempo com o passar do tempo, e para Bortolin e Santos Neto (2015), foram observadas algumas novas modalidades de mediação, entre elas: mediação da informação implícita e explícita, mediação da leitura, mediação de textos literários, mediação de gêneros musicais, mediação na *web* e mediação oral da informação e da leitura.

O termo mediação advém do latim e tem, entre seus significados, as palavras intercessão, intermediação, intervenção e agenciamento. Um possível conceito de mediação oral da informação é “toda realização do profissional da informação no sentido de possibilitar que o leitor ouvinte se aproprie da informação, seja ela veiculada por meio da voz viva ou voz mediatizada” (BORTOLIN; SANTOS NETO, 2015, p. 34). Essa mediação exige a utilização do suporte vocal dos mediadores da informação, sendo de forma presencial ou virtual<sup>10</sup>. Cabe aos mediadores da informação realizar seu trabalho de forma ética, visando atender com maior rapidez as necessidades informacionais dos mediandos, facilitando assim o encontro dos mesmos com a informação, podendo ser no sentido de: "a) satisfazer uma curiosidade; b) esclarecer uma dúvida; c) cumprir uma tarefa; d) realizar uma pesquisa (simples ou complexa); e) solucionar um problema; f) se comunicar (formal ou informalmente).” (BORTOLIN, SANTOS NETO, 2015, p. 34).

Um mediador da informação, segundo Bortolin e Santos Neto (2015, p. 46) “consegue perceber que nem sempre é fácil o atendimento da necessidade de um cidadão, e que este profissional exerce, de certa forma, uma atividade social”. Dentre as mediações, acredita-se que a contação de histórias se encaixa na mediação oral da informação que para Bortolin e Santos

---

<sup>10</sup> Existem hoje em dia muitas Contações de Histórias tanto na Internet (youtube) quanto em programas de Tv.

Neto (2015, p. 46) “é toda realização do profissional da informação no sentido de possibilitar que o leitor ouvinte se aproprie da informação, seja ela veiculada por meio da voz viva ou da voz mediatizada”.

Deve-se entender a importância dos diferentes tipos de mediadores para os diferentes tipos de ambientes informacionais, pois Bortolin e Santos Neto apontam que a escolha deste mediador deve ser feita tendo como base: “o tipo de ambiente, o perfil de mediando, e o gênero de mediação”, e ainda afirmam que “cada espaço, seja informacional, cultural, educacional ou social, possibilita diversificadas mediações, pois os sujeitos envolvidos num ato mediativo, são plurais” (2015, p. 41).

A partir deste estudo, entende-se que a atividade da contação de histórias para crianças, em ambientes de leitura proporciona o desenvolvimento de estímulos favoráveis ao amadurecimento cognitivo dos ouvintes, na medida em que potencializa os serviços institucionais voltados à descoberta de novos conhecimentos por meio da leitura.

Desse modo, não necessariamente ligados a um texto fixo, mas pela narrativa que trabalha os processos de leitura, tais profissionais atuam na mediação da informação quando relacionam os itens de leitura à capacidade cognitiva do ouvinte.

Almeida Júnior (2015, p. 15) afirma que os espaços onde ocorre a mediação da informação, que o mesmo define como equipamentos informacionais, também interfere na construção da informação e que nos apropriamos de uma informação de maneiras distintas quando estamos lendo um livro, um periódico, vendo um filme, lendo uma HQ (história em quadrinhos), ouvindo música ou uma história.

Almeida Junior (2015) também frisa que a mediação da informação não é um momento, mas um processo, e que ela envolve não só o usuário, o bibliotecário, como também o produtor da informação ou da protoinformação. O autor ainda afirma que nenhuma das partes envolvidas na mediação, seja o que faz a mediação, ou o que recebe essa protoinformação, é inteiramente imparcial no processo. Sua visão de mundo, história de vida, e valores, de alguma forma, influenciarão nesse processo e, portanto, na construção e na apropriação da informação.

Quando falamos em mediação há outras definições que contrastam com a de Almeida Junior, como a de mediação de Varela (2007, p. 124) onde o autor vê a mediação como a “ação que se interpõe entre um sujeito e objeto de aprendizagem, sendo a palavra de fundamental importância”. Outra visão é de Santaella e Nöth (2004, p. 202) afirmam que “a mediação é definida como qualquer processo no qual dois elementos são colocados em articulação através da intervenção de um terceiro”. No entanto, esse discurso nos remete à ideia de ponte, algo estático, e acredita-se que essa ideia esteja um tanto quanto equivocada, uma vez que se vê

mediação como um processo, dando ênfase, portanto, na definição de mediação por Almeida Junior (2015).

Apontado o que é a mediação da informação, passa-se a questionar o conceito de mediador da informação. Para Bortolin e Santos Neto (2015, p. 39), mediador da informação “é aquele que se posiciona de maneira intencional e medeia algo ou alguma coisa para alguém, com o intuito de modificar a situação ou solucionar problemas”, conseguindo-se assim a identificação do contador de histórias como mediador da informação.

Algo que também deve ser pensado, como aponta Bortolin e Santos Neto (2015, p. 40), é a escolha do mediador para as atividades de mediação, tendo como base o perfil do mediando e o gênero de mediação. Os autores afirmam que a cada espaço seja ele, informacional, cultural, educacional ou social, possibilita diversificadas mediações, pois os sujeitos envolvidos num ato de mediação, são plurais.

Como afirma Silva (2015, p.89)

narrar é uma das formas de nos humanizar, pois, desde épocas mais remotas, o ser humano, com recursos que dispunha em cada momento histórico procurou estabelecer a comunicação com os demais; contar sobre o seu mundo e sua relação com ele.

Silva (2015) ainda aponta que a espécie humana, em toda sua trajetória histórica, é mediada pela palavra, pelo contar a respeito de si mesmo, do cotidiano do que vive, e sobretudo, daquilo que herdou de seus antepassados. Entra-se aqui na discussão do que é a contação de histórias e sua relevância primeiramente para a história do homem em si, e, posteriormente, para a criança do ensino fundamental. Meirelles (1984, p. 47), discorre que

o ofício de contar histórias é remoto. Em todas as partes do mundo o encontramos: já os profetas o mencionam, e por ele se perpetua a literatura oral, comunicando de indivíduo a indivíduo e de povo a povo o que os homens, através das idades, tem selecionado de sua experiência como mais indispensável à vida.

Como afirma Silva (2015), independente da etapa da vida, seja ela infância ou adolescência, juventude ou fase adulta, a palavra foi e será um dos principais combustíveis para que o contar se estabeleça, e, embora cada um tenha sua individualidade ao narrar uma história, leva-se um pouco de todo o contexto social e histórico ao qual o então narrador está inserido.

A necessidade de se comunicar está ligada ao homem, pois ele necessita se comunicar, narrar, fantasiar e estimular sua imaginação constantemente. O ser humano tem uma necessidade de ficção e fantasia, e seria a literatura que, aqui, livremente concebida como história, iria preencher essa necessidade psicológica que tem o ser humano, confirmando-se

então que é uma característica própria do homem o contato permanente com as histórias. Nesse contar histórias a que tanto o homem se apegar, coloca-se em um grau de maior atenção a atividade de contar histórias em si, como forma de passar valores ou trabalhar de forma psicológica, formadora ou social (CÂNDIDO, 1972).

Para Kuhlthau, (2013), no âmbito escolar, é importante destacar que nem todas as crianças que chegam à escola tiveram as mesmas oportunidades de viver experiências com livros e bibliotecas, algumas podem até ter frequentado uma biblioteca pública, tirando livros emprestados e participado de atividades como a hora do conto. “Outras, embora tenham pouca experiência com biblioteca, possuem seus próprios livros e os leem em casa e infelizmente, também há crianças que não tiveram oportunidades de ter contato com livros ou de contar histórias” (KUHLTHAU, 2013 p. 27).

O processo de contação de histórias para crianças auxilia na formação de futuros leitores e de indivíduos com menor índice de problemas de aprendizagem, portanto, com maior preparo para inserir-se em sociedade. Nesse sentido, levando em conta a importância de introduzir a criança à leitura e incentivar, por exemplo, suas idas à biblioteca, se faz necessária a implantação de projetos de ação cultural, como a Hora do Conto.

Apontado por Bortolin e Santos (2014, p. 148) “o percentual de pais que leem em casa ou com seus filhos é ínfimo”, muitas vezes como apresentado pela mesma autora, ficando por conta dos professores incentivar a leitura. Sendo assim, Orlandi (1988, p. 7) apud Bortolin (2015, p.149) faz a seguinte reflexão:

leitura vista em sua acepção mais ampla, pode ser entendida como atribuição de sentido as coisas. [...] No sentido mais restrito, leitura pode significar a construção dum aparato teórico e metodológico de aproximação dum texto.

Como afirma Bortolin (2015), o ato de ler só deixará de ser uma atividade meramente mecânica no momento em que o leitor praticar uma ação reflexiva. Barbosa (1994, p. 116) afirma que “num mundo onde a escrita é um meio importante na circulação de ideias, é fundamental a análise do ato de ler”, onde o mesmo autor aponta que

ler é uma atividade ideovisual. Podemos dizer que a leitura depende do que está diante e atrás dos nossos olhos. A leitura é uma atividade visual porque para ler é necessário haver um texto diante dos olhos, uma certa claridade e, às vezes, um par de óculos. Mas, a leitura é mais que um exercício dos globos oculares, pois se apoia, por um lado, no que o leitor recebe através do seu sistema de visão e, por outro, nas informações que o leitor tem disponíveis na sua cabeça, na sua estrutura cognitiva.

Nesse sentido, pode-se complementar que o leitor não nasce pronto, ou se faz de uma hora para outra, ou que está pronto de um determinado momento para outro. Essa mediação entre leitura, leitores e livros acontece gradativamente, partindo do pressuposto de que toda criança sabe ler e que já possui algum conhecimento de mundo, no contato com a literatura e, conseqüentemente, a leitura da literatura o faz leitor.

Bortolin (2014) afirma que, quando conversamos ou contamos o enredo de nossas leituras a alguém, somos mediadores, e de acordo com Barros (2006, p. 18,) “somos todos leitores, em maior ou menor medida. Até mesmo leitores que não sabem ou que não podem ler o alfabeto; leitores do mundo, todos”. Bortolin e Barros (2014) acordam que todos somos leitores que todos temos uma carga de experiência de leitura acumulada que em algum momento será compartilhada, e, portanto, mediada.

No que se refere à educação, a contação de histórias para Bajard (2013) não está diretamente ligada a um texto fixo, mas como uma narrativa veiculada pela língua do contador, enriquecendo a língua oral do ouvinte. Concomitantemente, é necessário que se crie uma prática de mediação da leitura, que, para Bortolin (2014) é quando conversamos, pois, assim contamos o enredo de nossa leitura para os outros, para beneficiar a diversidade de indivíduos que lá convivem.

Souza e Bernardino (2011) apontam a contação de histórias como uma estratégia pedagógica que pode favorecer de maneira significativa a prática docente na Educação Infantil e Ensino Fundamental, afirmando ainda que, ao ouvir histórias, as crianças estimulam a imaginação, desenvolvem habilidades cognitivas e dinamizam o processo de leitura e escrita. Além disso, é uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil; dessa forma, as crianças desenvolvem então a responsabilidade e a auto expressão, sentindo-se estimulada e, sem nem perceber, construindo seu conhecimento de mundo.

Giroto e Souza (2010) inferem que, é a partir da ênfase dada ao caráter comunicativo dos livros, que há uma grande adesão dos alunos à leitura. Dessa forma, o incentivo a ela e ao uso da biblioteca escolar pelas crianças e alunos de determinada instituição, e das bibliotecas públicas e comunitárias por toda a comunidade torna-se importante, na medida em que os mesmos buscam compreender que a leitura é um dos fatores relevantes para a transformação social, assim oportunizando um maior contato com os livros, com a leitura e com vários tipos de atividades culturais de qualidade com baixo ou nenhum custo às famílias que frequentam esses ambientes informacionais e que são economicamente menos favorecidas.

No entanto, Vygotsky, Leontiev e Luria (1998) argumentam que a tarefa do contador de histórias consiste em desenvolver não uma única capacidade de pensar, mas muitas capacidades particulares de pensar em campos diferentes; não em reforçar a nossa capacidade geral de prestar atenção, mas em desenvolver diferentes faculdades de concentrar a atenção sobre diferentes materiais.

Para Abramovich (1991, p. 17)

é ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como tristeza, a raiva, a irritação, o bem estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário.

Silva (2015) mostra que as histórias são imprescindíveis para a formação humana, o amadurecimento psicológico e é “uma maneira de nos humanizarmos, uma forma de nos encontrarmos com aquilo que a humanidade cultiva para a alma, para o intelecto e para a relação social civilizada ao longo da história” (SILVA, 2015, p.35).

No entanto, o oral será determinante na fase inicial da criança para a apreensão da linguagem, no contato com as histórias que ouve primeiramente na família e posteriormente na escola. Sendo assim, Paulo Freire (1988, p. 11-12) nos mostra que a leitura de mundo vem bem antes da leitura da escrita, confirmando, portanto, o fato de que a leitura de mundo, do cotidiano e das relações interpessoais é de suma relevância e esta seria impossível sem a oralidade

a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1988, p. 12).

A contação de histórias, como mostra Silva (2015) é uma arte, e tal como, independente do seu veículo ou suporte, leva o indivíduo a ler outras linguagens, conversar com o mundo à sua volta e com o envolvimento em seu ser. No viés das narrativas artísticas, as histórias são manifestações da arte de narrar, fazem parte da história cultural dos povos de todo planeta, e, portanto, estão impregnadas de dilemas existenciais que fazem parte da vida de todo ser humano; esses dilemas existenciais são extremamente enriquecedores para a vida do ser humano, em especial para as crianças, uma vez que a arte é uma mentira que nos ensina a compreender a verdade.



Em especial na escola, a contação de histórias para crianças e a oralidade é contínua e empregada a tudo que a criança aprende tanto dentro quanto fora da sala de aula. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa afirma-se que (BRASIL, 1997, p. 49-50).

eleger a língua oral como conteúdo escolar exige o planejamento da ação pedagógica de forma a garantir, na sala de aula atividades sistemáticas de fala, escuta e reflexão sobre a língua (...) as formas de linguagem oral: atividades de produção e interpretação de uma ampla variedade de textos orais, de observação de diferentes usos, de reflexão sobre os recursos que a língua oferece para alcançar diferentes finalidades comunicativas.

Para Silva (2015) é importante ressaltar que, quando pensada pedagogicamente, a oralidade na escola possui dois aspectos a serem considerados: o primeiro, a oralidade espontânea, e o segundo, a oralidade como direcionamento pedagógico. A contação de histórias, em si, entra na oralidade com o princípio pedagógico que se circunscreve aos mecanismos que estimulam a fala, o argumento e o constatar referente à temática proposta em sala de aula como apontado pelo mesmo autor. E é nesse contexto, que extrapola ao senso comum, que a oralidade contribuirá para a mediação de leitura, da informação e, assim, da mediação pedagógica.

Do ouvir histórias em casa, espaço íntimo e privado ao ouvir histórias em ambiente escolar, espaço de convivência em grupo, existem diferenças e particularidades de cada situação. E, no caso do contador, a experiência também é válida, ou seja, contar histórias para seus familiares e em ambientes escolares de vivência pública tem particularidades que são próprias de cada situação. Porém, em ambos os lugares há elementos que confluem, como, por exemplo, o uso da voz, o conhecimento daquilo que se vai contar, a preparação para aqueles que vão ouvir a história, o ambiente confortável tanto para o contador quanto para quem vai ouvir a história, sendo assim tanto a escola, a biblioteca quanto o lar um espaço em que as mediações acontecem e proporcionam lazer e aprendizagem.

A contação de histórias, como atividade pedagógica de fomento à leitura, à formação de leitores, acontecerá quando o professor, ou bibliotecário envolvido gostar da história que for contar, divertir-se, se sentir confortável para contar, assim como ocorre quando a contação de histórias é feita em casa por parentes.

O principal, ao contar uma história não é tanto o valor que se é passado, ou a atividade que será realizada após a contação de histórias, pois, como aponta Bortolin e Santos (2014) é corriqueiro na escola se utilizar da leitura como pretexto de ensinar-aprender, e atrelada à obrigatoriedade de interpretação e exercícios, logo essa atividade não torna-se mais atrativa,

nem livre e sim como uma atividade curricular. A contação de histórias pode ser vista como uma ferramenta para se trabalhar em sala de aula, mas deve ser vista primeiramente como um incentivo à leitura, ou seja, contar uma história não pela atividade que será feita depois, mas simplesmente por contar uma história e despertar na criança o gosto pelo mundo das histórias e quiçá o gosto pela leitura.

Quando crianças, o contato com as histórias auxiliará na organização de conhecimentos internos, com aquilo que não consegue compreender e nem verbalizar, como aponta Silva (2015).

Antes mesmo de quaisquer estudos da Psicologia, Pedagogia ou Ciência da Informação a respeito do contar histórias, essa prática era usada por nossos antepassados, tanto para diversão, quanto para incutir valores sociais e morais. De geração a geração repetiam as mesmas histórias, se adequavam ao momento histórico sem perder, entretanto, a essência e o valor da mesma. A oralidade caminha junto com a história da humanidade muito antes de ser estipulada a escrita, quando então o saber era mantido na mão de uma elite. A história, antes contada de pai para filho, passa-se hoje para nós de várias formas e suportes, como os computadores, por vídeos e gráficos, entre outros.

O contexto de trabalho de uma biblioteca e, conseqüentemente, dos professores e bibliotecários mudou significativamente nas últimas décadas e “[...] desta mudança, decorreu também uma alteração da filosofia e prática educacional, privilegiando os resultados da aprendizagem [...] na responsabilização das escolas” (BALÇA, FONSECA, 2012, p. 69).

Nessa perspectiva, Vignoli e Bortolin (2014) contextualizam as diferentes gerações nos tempos atuais, que são influenciadas por costumes, hábitos e tecnologias e, portanto, pela contação de histórias em escolas. A saber: para Vignoli e Bortolin (2014, p. 49)

1ª geração os Veteranos que são pessoas nascidas entre 1900 e 1950. São idosos que, por conta das mudanças sociais e tecnológicas em sociedade, tiveram que se adaptar às diferentes formas de vivência do contexto atual; 2ª geração ou *Baby Boomers* - pessoas nascidas entre 1941 e 1965, que por conta da II Guerra Mundial, não puderam usufruir do entretenimento em suas infâncias; 3ª geração ou Geração X – pessoas nascidas entre 1960 a 1985. Indivíduos que presenciaram o contexto da criação e produção em massa, assim como da disseminação das propagandas de consumo, fatores que as tornaram em seres consumistas; 4ª geração ou Geração Y - nascida entre 1976 e 2002. Formada por jovens conectados a redes sem fio e à tecnologia móvel; 5ª geração ou Geração Polegar: formada por pessoas nascidas em período totalmente tecnológico, digital e móvel.

Entende-se, assim, que tanto os bibliotecários, como os professores devem estar atentos às demandas dos alunos, a fim de adaptar suas atividades aos assuntos de seu interesse. É um trabalho conjunto entre o professor, com seu olhar de pedagogo/alfabetizador e o bibliotecário,

como profissional que sabe como adequar as informações para cada público com quem trabalha, visando alcançar melhores desempenhos escolares. Como apontado por Andrade (2013), as bibliotecas escolares, por si só, já apresentam muitos problemas, pois “o Ministério da Educação na proposição dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa não menciona a atuação do bibliotecário e da atuação da biblioteca como processo essencial na formação do aluno” (ANDRADE, 2013, p. 02).

“A literatura infantil pode contribuir para o enriquecimento do repertório comportamental das crianças, ao oferecer soluções alternativas para problemas em diferentes áreas” (VASCONCELOS, 2008, p. 11), influenciando no seu comportamento verbal e criativo, em seus hábitos de leitura, bem como na visão crítica da realidade. Nessa perspectiva, a discussão apoia-se no raciocínio de que o desuso dos benefícios trazidos pelos ambientes de leitura às escolas, por falta de oportunidades de contato dos alunos com os recursos de leitura, pode interferir de forma indesejável no futuro dessas crianças, em detrimento do desenvolvimento de seu pensamento cognitivo.

Logo, ao se entender a importância do bibliotecário escolar como mediador da informação e levando em conta os problemas por ele enfrentados, este trabalho teve por objetivo familiarizar e mostrar a relevância da contação de histórias como uma atividade de mediação para as crianças do Ensino Fundamental, colocar o contador de histórias como mediador da informação e propor essa atividade para que a criança passe de um mero ouvinte a leitor de diversos tipos de literatura, já que ouvir histórias pode tornar mais fácil a compreensão de histórias e aumenta o interesse de um texto escrito. Para Dohme (2013, p. 21) “os valores são fundamentos universais que regem a conduta humana”, ou seja, “As histórias são excelentes ferramentas de trabalho na tarefa de educar”.

Seguindo então as orientações de Dohme (2013), a contação de histórias para crianças, seja ela em qualquer ambiente, deve trazer a empatia dos alunos para com as histórias selecionadas, por meio de uma variedade de temas e pelos variados aspectos educacionais a serem focados, acrescentando a fala de Dohme, ou simplesmente trazer o despertar do prazer de ler. “A clareza dos processos de descoberta tem necessidade de passar pelo conjunto de interesse da criança pelas coisas do mundo, do ser homem no mundo para que sua própria construção de leitura seja feita.” (XAVIER, 2010, p. 122).

Nessa perspectiva, entender o leque de opções que uma criança possa vir a construir futuramente relativo à sua estrutura básica de ensino, na qual o processo de equilíbrio assimila a estruturas cognitivas, é papel-base do contador de histórias.

As histórias, como mostra Silva (2015), são contadas com diferentes intenções, seja para ilustrar uma aula, exemplificar comportamentos, colaborar na formação do caráter ou apenas para se divertir e incentivar a formação de leitores. Atualmente as histórias são contadas de várias maneiras e com tipos de recursos tecnológicos variados, como, por exemplo, o rádio, a televisão, os celulares e a web, que utiliza vários tipos de linguagem, tais como as fílmicas, imagéticas, plásticas entre outras.

Entretanto, como já citado, existem vários perfis de contadores de histórias, e dentre todos estes seja bibliotecário, pedagogo, filósofo, fisioterapeuta; a partir do momento em que se assume como contador, ele é colocado dentro de uma classe específica que envolve competências específicas, e tornar-se parte desta abre portas para uma nova discussão: a profissionalização e reconhecimento da profissão de contador de histórias.

## 2.4 A profissionalização do contador de histórias

No ano de 2017, foi levantada uma questão importante dentre os contadores de histórias de todo país: o reconhecimento da profissão de contador de histórias. Felícia Fleck, em 2007, em seu artigo intitulado “O contador de histórias: uma nova profissão?”, levantou a questão da profissionalização do contador. Ela aponta que a figura do contador de histórias reaparece com ênfase nas últimas décadas do século XX, com uma grande procura de pessoas interessadas em aprender sobre essa arte. E, além de pessoas, a demanda vem também de instituições interessadas nestes profissionais, instituições tais quais: livrarias, escolas, creches, casas de recreação, hospitais, museus, bibliotecas entre muitas outras.

O que define ser profissional em algo? No Dicionário Aurélio<sup>11</sup> profissional define-se como: aquele

que se relaciona com determinada profissão: sindicato profissional. Estabelecimento de ensino técnico que prepara para diversas profissões: escola profissional. Não amador; cuja atividade é exercida como profissão, trabalho: atleta profissional [Pejorativo]. Especialista numa atividade que não é tida como trabalho: é um mentiroso profissional. Substantivo masculino e feminino. Pessoa que faz uma coisa por profissão: o profissional designado pela empresa deverá tratar deste assunto. Etimologia (origem da palavra *profissional*). De profissão profissional.

---

<sup>11</sup> <https://www.dicio.com.br/profissional/>

Entende-se, então, que ser profissional exige uma capacitação para que exerça a função com certa maestria. MARINHO, (1987, p. 27) afirma que através de duas características básicas diferencia-se profissão de ocupação:

- Toda profissão é baseada em um corpo de conhecimento sistemático ou doutrinário adquirida somente por meio de um treinamento formal;
- O profissional é orientado por um conjunto de normas profissionais. Moore (apud MARINHO, 1986, p. 28) aprofunda o conceito de “ser profissional”, onde aponta que toda profissão:
  - a) é uma ocupação de tempo integral;
  - b) é caracterizada pela vocação do profissional;
  - c) possui uma organização, em geral adota um código de ética, que normatiza a conduta profissional;
  - d) possui um corpo de conhecimento formal (normalmente adquirido por meio do ensino superior);
  - e) possui orientação para o serviço;
  - f) possui autonomia.

Fleck (2007) afirma que, devido ao crescimento e importância das profissões no século XX, estão ocorrendo algumas mudanças no mercado de trabalho, especialmente em relação aos empregos do setor formal, com carteira assinada e direitos trabalhistas, que estão em declínio. Entretanto, crescem atividades no setor informal, caracterizadas por baixos salários e desrespeito às normas ambientais e trabalhistas. Neste cenário, aparecem também as atividades terceirizadas que, como aponta a autora citada (2007), chegam a 2/3 das ocupações de uma economia moderna como a do Brasil.

Wilensky (2014) (apud MARINHO, 1986, p. 31) aponta que o processo de profissionalização de uma ocupação, cumpre algumas etapas: “o trabalho torna-se uma ocupação de tempo integral; criam-se escolas para treinamento, cria-se associação profissional; a profissão é regulamentada e adota-se um código de ética”.

No site do Tribunal Superior do Trabalho<sup>12</sup>, afirma-se que profissões regulamentadas são definidas por lei, ou seja, tem regulamentação própria de direitos e garantias, como piso salarial, jornada de trabalho e adicionais. Assim, 68 profissões são abrangidas por essas regras. Mesmo possuindo regimento próprio, os profissionais são regidos também pela Consolidação das Leis do Trabalho, a CLT, que também ampara as profissões reconhecidas pelo Ministério

---

<sup>12</sup> [http://www.tst.jus.br/radio-outras-noticias/-/asset\\_publisher/0H7n/content/direito-garantido-profissoes-regulamentadas-x-reconhecidas?inheritRedirect=true](http://www.tst.jus.br/radio-outras-noticias/-/asset_publisher/0H7n/content/direito-garantido-profissoes-regulamentadas-x-reconhecidas?inheritRedirect=true)

do Trabalho e integram a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). A CBO é um documento que reconhece a existência de determinada ocupação, mas não a regulamentação. Essa deve ser feita por lei e sancionada pela Presidência da República. Atualmente, no Congresso Nacional, tramitam cerca de 30 projetos pedindo essa regulamentação por lei.

No ano de 2017, foi aprovado o Projeto de Lei nº 7.232 da Sra. Erika Kokay, que dispõe sobre a regulamentação da profissão de contador de histórias e dá outras providências. Na citada lei, é considerado um contador de histórias “os profissionais cuja construção do saber seja desenvolvida no cotidiano de suas comunidades em que a oralidade exerça um papel fundamental na preservação e transmissão do saber e das manifestações da cultura popular”. E, no mesmo projeto de lei, é afirmado que “para o exercício da profissão (...) será exigido curso de formação com fundamentação teórico-prática para o uso da literatura e das técnicas de contação de história como instrumentos didático-pedagógico e um processo de aprendizagem”.

No Art. 3º do Projeto de Lei 7.232, são objetivos da profissão de Contador de Histórias

- I- Promover a valorização do patrimônio imaterial brasileiro.
- II- Democratizar o acesso aos bens culturais imateriais
- III- Valorizar a diversidade cultural do povo brasileiro, contribuindo para a difusão das manifestações verbais, poéticas, literárias, musicais, e outras modalidades de manifestações artísticas e culturais do povo brasileiro.
- IV- Incentivar e promover a disseminação das manifestações artísticas, musicais, poéticas da oralidade e da literatura brasileira.
- V- Fomentar a formação de pessoal qualificado para o exercício da profissão por meio da pesquisa de repertório e o estudo de técnicas e dos respectivos recursos expressivos para contar e narrar.
- VI- Propiciar o intercâmbio entre as diversas manifestações da cultura nacional.
- VII- Promover a integração, sempre que possível, com os profissionais das áreas da educação, saúde e cultura.
- VIII- Promover espaços de debates e ações nas áreas de tradição oral e literária, além de reflexão da realidade brasileira a partir da cultura e das artes.

A justificativa que se dá para o Projeto de Lei nº 7.232 é que, embora ainda não se reconheça o contador de histórias como profissional, para muitos a contação de histórias como práticas cotidianas de suas atividades para crianças, jovens e adultos, em escolas, auditórios, teatros, praças, espaços de convivência, é a fonte exclusiva de renda/sobrevivência.

O projeto de lei nº 7.232 cita que o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), do Ministério da cultura reconhece o contador de histórias como membro da cadeia mediadora, entretanto, não o orienta ou sugere ações para a valorização do seu trabalho, que é fundamental para a cultura nacional.

Durante o ano de 2017 e ainda na data de apresentação deste trabalho, foram constatadas algumas discussões em grupos no *Facebook* acerca deste assunto. Um dos grupos, intitulado Fórum: Regulamentação da Profissão de Contador de Histórias”, do qual a autora deste trabalho faz parte, é possível notar que muitos são contra a regulamentação da profissão, pois afirmam que não se pode cobrar um curso para o reconhecimento desta profissão, uma vez que acreditam que toda e qualquer pessoa pode ser contador de histórias. Fleck (2015, p.322) afirma que:

embora todos possam contar histórias, parece haver uma diferenciação entre os que realizam essa atividade profissionalmente- ou seja, são remunerados por isso- e os que se utilizam da contação de histórias como um recurso a fim de enriquecer sua prática profissional.

A discussão permanece, e até a presente data, é regulamentada a profissão de Contador de Histórias, com seus direitos e deveres assegurados pela lei nº 7. 232 de 2017. Há, entretanto, prós e contras: é possível apontar algumas conquistas da categoria em nível nacional e mundial, como o reconhecimento da data de 20 de março como Dia Internacional do Contador de Histórias, e no Brasil, no Distrito Federal, a lei nº 4.545/2011, instituiu a “Semana dos Contadores de Histórias no Distrito federal”.

O que muitos leigos desconhecem é a existência de uma Academia Brasileira de Contadores de Histórias (ABCH), que tem como missão<sup>13</sup>: preservar, valorizar e perpetuar o contador de histórias através de ações efetivas, encontros, oficinas e muita troca de saberes. E tem como representante nacional Claudete Terezinha da Mata, Presidente Nacional-Fundadora da Academia Brasileira de Contadores de Histórias – ABCH<sup>14</sup>.

A filiação de novos membros para a ABCH será a partir de 2019, quando terá uma posse de uma nova diretoria e uma nova presidência executiva. A filiação de novos membros acontece via edital e indicação da própria Claudete que, como citado, é presidente nacional e fundadora da academia. A indicação vai para uma mesa de indicação de novos membros. A ABCH foi criada em dia 2 de julho de 2014, durante uma assembleia pública e posse dos primeiros

<sup>13</sup> Retirada da página oficial da ABCH no *facebook*

<sup>14</sup> Fonte: <http://oficinaliterariabocadeleao.blogspot.com/>

acadêmicos, que, atualmente somam 43 filiados, onde Camila Genaro é a atual diretora, podendo manter-se ou não na direção no ano de 2019 via votação dos membros.

A ABCH oferece cursos de profissionalização via projeto “Mãos que tecem histórias: formação do contador de histórias e mediadores de leitura animada”. O projeto tem uma iniciativa com base na teoria de Paulo Freire, e no blog <http://oficinaliterariabocadeleao.blogspot.com/> é possível ler pesquisas, ver fotos de vivências de contações e dos cursos oferecidos, e pode-se também pelo blog acompanhar a agenda do projeto.

A ABCH tem como patrono Franklin Cascaes, que também dá nome à Fundação Cultural de Florianópolis. Ele foi um artista catarinense, pesquisador, ecologista e folclorista, que dedicou parte de sua vida ao registro das tradições, lendas, usos e costumes dos moradores da Ilha de Santa Catarina.

O boom dos Contadores de Histórias no Brasil, segundo Fleck (2007), deu-se na década de 1990, com a difusão das bibliotecas pelo país e pelo reconhecimento de que as bibliotecas deveriam ser mais que apenas um depósito de livro, sendo um organismo dinâmico de promoção da leitura. A autora supracitada (2007), afirma que é possível que o Proler (Programa Nacional de Incentivo à Leitura) instituído pelo Decreto Presidencial nº 519, em 13 de maio de 1992, e vinculado à Fundação Biblioteca Nacional, órgão do Ministério da Cultura, tenha contribuído para a proliferação dos contadores de histórias do Brasil, tendo em vista que o mesmo considera a prática fundamental para a implementação do gosto pela leitura.

Fleck (2007) aponta que, assim como ocorre com profissionais ligados ao meio artístico, os contadores de histórias nacionais, principalmente os do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais se destacam até mesmo pelo fato de terem mais visibilidade na mídia. Todavia, o crescimento deste profissional é uma constante na maioria dos Estados brasileiros.

Com relação à profissionalização do Contador de Histórias, pode-se afirmar que as opiniões dentre a classe se dividem, uns contrários a essa prática por acreditarem que a contação de histórias é “algo que nasce com todo mundo e não se pode cobrar uma formação para isso” (Pandolfo Bereba). Já outros a favor da profissionalização, pois acreditam que “para contar histórias é preciso dominar técnicas e conceitos” (Narizinho) e, como aponta Fleck (2015) os contadores que são a favor da profissionalização, acreditam que ser reconhecidos como profissionais daria melhor e maior visibilidade ao seu trabalho.



Assumir-se como contador de histórias profissional pode ser uma das maneiras de garantir e consolidar seu espaço não só profissional, mas de uma maneira a encontrar seu lugar no mundo e de estabelecer sua identidade de uma forma mais ampla, e contar histórias no cenário atual, pode ser considerado uma autoexpressão pessoal e coletiva. É a legitimação da própria história e das manifestações culturais, um caminho que pode ser considerado por excelência para o encontro com si mesmo e com os outros (FLECK, 2015).

### 3. METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa qualitativa do tipo descritiva, que se utilizou como ferramenta de pesquisa o questionário. Para computação dos dados utilizou-se do método Survey com elementos da metodologia Delphi para análise dos resultados, e, por fim foi feito um mapa conceitual do tipo fluxograma para conceituar contação de histórias e contador de histórias. Utilizou-se do pré-teste para definir as questões que seriam enviadas. Inicialmente, a ideia seria trabalhar apenas a metodologia Delphi; entretanto, como havia o contratempo da limitação de datas, se optou por utilizar elementos do Delphi juntamente com o Survey. De 100 questionários enviados, obteve-se 27 respostas, tendo, portanto, um retorno significativo do material enviado.

Trabalhou-se na pesquisa com uma população delimitada: os contadores de histórias que utilizam as redes sociais, no caso o *Facebook*, para divulgação de seus trabalhos. Dentre esses contadores de histórias que utilizam essa rede social, foram selecionados aqueles com quem a autora mantém contato via rede social, para uma melhor obtenção de respostas. Para o resultado final da pesquisa, foi de fundamental importância o contato com os contadores, colaborando assim com a utilização dessa ferramenta virtual.

Pesquisa com abordagem qualitativa: utilizou-se da revisão bibliográfica, sendo que o procedimento de coleta de dados escolhido foi o questionário online, utilizando-se de elementos da metodologia Delphi e Survey para elaboração e análise das questões respondidas.

Para finalizar a pesquisa elaborou-se então um mapa conceitual do tipo fluxograma pontuando a definição de contação de histórias e do papel social do contador de histórias pelas palavras dos contadores que participaram desta pesquisa

Inicialmente, pensou-se em utilizar apenas a metodologia Delphi. Entretanto, esta metodologia demanda um tempo extenso para todos os feedbacks e novas rodadas de perguntas. Optando-se pela metodologia Survey com elementos do Delphi

Elaborar um referencial teórico, para Gil (2010, p. 45) inicia-se com a escolha do tema. Como já apontado, trabalhou-se com os contadores de histórias, e, uma vez delimitados o universo, o objetivo e o sujeito da pesquisa, foi feita uma revisão bibliográfica preliminar, que, como apontado novamente por Gil (2010, p.46), é um importante passo numa pesquisa bibliográfica baseada em material já publicado. O mesmo autor (2010, p. 29) salienta que

[...] tradicionalmente esta modalidade de pesquisa inclui material impresso como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos. Todavia em virtude da disseminação de novos formatos de informação, estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, CD's, bem como material disponibilizado pela internet.

Feita a revisão bibliográfica, foram feitos fichamentos de todos os textos, artigos e livros, teses e dissertações utilizados para a elaboração desta pesquisa. Após a escrita da fundamentação teórica, e entendidas as necessidades informacionais para a elaboração das questões, o próximo passo ficou para a aplicação de um pré-teste, utilizando o questionário on-line como instrumento de coleta de dados. Barros (2000, p. 90) afirma que

o questionário é o instrumento de pesquisa mais usado para o levantamento de informações. Não está restrito a uma determinada quantidade de questões, porém aconselha-se que não seja muito exaustivo, desanimando o pesquisado, é entregue por escrito e também será respondido por escrito.

Diehl e Tatim (2004, p. 68) afirmam que o questionário é um instrumento de coleta de dados construído por uma série ordenada de perguntas, e estas devem ser respondida por escrito, mesmo sem a presença do entrevistador. Em geral, o questionário é mandado pelo correio ou por intermédio de um portador. No caso desta pesquisa, utilizou-se uma ferramenta on-line para a elaboração do questionário: o Formulário Google, com o *Facebook* para disseminá-lo. Para Diehl e Fatim (2004), é importante ter neste questionário uma nota explicativa sobre a natureza da pesquisa, sua relevância e o porquê da necessidade de obter-se uma resposta, tentando assim despertar o interesse do recebedor e estimulá-lo ao preenchimento do questionário. Foi recebido um retorno de 25% de devolução dos questionários respondidos.

Utilizou-se do *Facebook*, uma vez que há possibilidade da realização de pesquisas em uma rede de computadores interligados no mundo todo, por meio da qual o pesquisador pode ter acesso a uma grande quantidade de informações, de uma forma mais rápida como afirmam Diehl e Tatim (2004).

O questionário foi utilizado como o instrumento inicial para que se aplicasse a metodologia Delphi. Autores como Oliveira et al. (2008) afirmam que a metodologia Delphi foi criada em 1966 pelo pesquisador Olaf Helmer, da Rand Corporatin, em Santa Mônica, California. Olaf publicou o relatório "The use of Delphi technique in problems of education a linnovations" o pioneiro desta metodologia. O nome Delphi, como explicado por Cardoso et al. (2005), é uma referência ao oráculo que previa o futuro, da cidade de Delfos, na Grécia Antiga.

Essa metodologia foi escolhida, uma vez que em confronto com outras técnicas de previsão, constatarem-se poucos dados conceituais sobre o assunto. A escolha se fez também pela necessidade de abordagem interdisciplinar e as perspectivas de mudanças quanto ao tema estudado.

O Manual Técnico II de métodos e técnicas (2016), afirma que

o Método Delphi baseia-se num processo estruturado para a recolha e síntese de conhecimentos de um grupo de especialistas por meio de uma série de questionários, acompanhados de um feedback organizado de opiniões, os questionários são apresentados de forma de um procedimento de consulta anônima e iterativa por meio de inquéritos (postais e/ou e-mail).

Nos dizeres de Cardoso (2005) "o Delphi é, em síntese, um processo estruturado de comunicação coletiva que permite a um grupo de indivíduos lidar com um problema complexo". Cardoso (2005) afirma que, para diferentes autores, o método Delphi é especialmente indicado para pesquisas de abordagens exploratórias. A pesquisa exploratória tem com o objetivo familiarizar o pesquisador com um assunto ainda pouco conhecido e pouco explorado. Ao final de uma pesquisa exploratória, o pesquisador conhecerá mais sobre um determinado assunto, e estará apto a construir hipóteses.

A técnica Delphi, como mostra o Manual Técnico II de Métodos e Técnicas (2016) é relativamente simples, pois consiste em uma série de questionários enviados a um grupo pré-selecionado, que serão concebidos para obter e desenvolver respostas individuais, e permite aos especialistas aperfeiçoar os seus pontos de vista, à medida que o grupo vai progredindo na aplicação da metodologia. A partir da elaboração do questionário, os mesmos são enviados por e-mail aos grupos já mencionados.

Especialmente na metodologia Delphi, como mostra Wright e Giovinazzo (2000, p. 55)

O questionário é bastante elaborado, apresentando para cada questão uma síntese das principais informações conhecidas sobre o assunto e eventualmente, extrapolações para o futuro de forma a homogeneizar linguagens e facilitar o raciocínio orientado para o futuro.

A metodologia Delphi, apontada por Oliveira et al. (2008), segue quatro pilares para que o pesquisador obtenha êxito: o anonimato, o uso de especialistas, a aplicação de rodas interativas com feedback e a busca por consenso. Para o autor (2008, p. 5)

o método Delphi, de um modo geral, é definido como uma atividade interativa desenhada para combinar opiniões de um grupo de especialistas para a obtenção de um consenso. Baseia-se em um processo de comunicação grupal de maneira a permitir que indivíduos, como um todo possam lidar e explorar um problema complexo.

Ainda para Oliveira et al. (2008), o método Delphi é recomendado quando não se possui dados quantitativos, ou quando estes não podem ser projetados para o futuro com segurança, em face de expectativa de mudanças estruturais nos fatores determinantes das tendências. Quanto ao primeiro pilar acima apresentando, o anonimato, Oliveira et al. (2008) afirma que, dos quatro pilares, este é o que possui a principal característica e a mais definida metodologia Delphi, pois o anonimato faz com que não haja controle de uma pessoa sobre outra, ou seja, os participantes podem expressar suas ideias de modo igualitário e sem manipulação por parte de outra pessoa.

O segundo pilar, o feedback, é considerado por Oliveira et al. (2008) como de caráter fundamental para a metodologia, pois é um dos itens essenciais para o sucesso do método, chamado de feedback controlado pelo fato dos questionados receberem resumos das discussões de todas as rodadas até chegarem a um consenso, o que define a função do feedback como fator determinante para a diminuição dos ruídos, ou seja, evitam os possíveis desvios de trajetória do objetivo do estudo.

O terceiro pilar é a flexibilidade, essencial para permitir que os indivíduos não tenham restrição quanto a datas, horários ou localização geográfica, uma vez que os questionários podem ser respondidos em qualquer hora e lugar. Oliveira et al. (2008) aponta que, como os questionários serão mandados por e-mail, cada um poderá responder em ruas respectivas cidades, sem ter que se deslocar para colaborar com a pesquisa

E, por último, ainda para Oliveira et. al. (2008), têm-se o uso de especialistas e o consenso da interatividade, uma vez que a interatividade permitida pelo Delphi foge de uma conjuntura hierárquica ao formatar as respostas e em seguida fazer com que elas sejam compartilhadas. Dessa maneira, ocorre um aprendizado por parte dos entrevistados, além da interação entre os mesmos ocorrer de forma espontânea.

O mesmo autor (2008) afirma que ao enviar os questionários, busca-se a definição ou esclarecimento sobre algum tema ou assunto em especial. Têm-se então a busca por um consenso entre todos os envolvidos, uma vez que, se um discorda, a pesquisa não está completa, podendo assim a metodologia ser reenviada várias vezes, até todos os especialistas concordarem em todas as questões propostas.

Essa metodologia, como afirma Cardoso et al. (2005, p. 68), possui seus pontos positivos e negativos; como vantagem têm-se que

propicia a reflexão individual e coletiva sobre os temas tratados, sem as desvantagens que as reuniões presenciais costumam apresentar, além das dificuldades de organização e dos custos que acarretam; propicia a integração e a sinergia de ideias e visões entre os especialistas e agrega conhecimento ao processo ensino, através das rodadas, a reformulação e o aprimoramento das questões formuladas.

Como desvantagens do método, Cardoso et al. (2005) apontam as dificuldades na elaboração do questionário e as dificuldades nas respostas, dado que é comum entre a primeira e a última rodada o abandono variando de 30% a 50% na primeira rodada e de 20% a 30% na segunda rodada dos participantes originais do questionário. Outra dificuldade é o tempo de resposta, tornando o pré-teste fundamental para este tipo de metodologia. É possível apontar ainda, como aspecto negativo da metodologia Delphi, a dificuldade dos prazos, que duram em média 12 meses, desde a formulação dos questionários, aplicação, respostas, aplicação da metodologia e definições de conceitos.

Após finalizado o método Delphi e obtidos os conceitos relacionados ao universo desta pesquisa, há a hipótese da construção de um mapa conceitual para que seja feito o mapeamento da definição de contador de histórias e do papel social dos contadores de histórias pelos próprios contador de histórias que responderam a presente pesquisa. A teoria que está por trás dos mapas conceituais ou mapeamento conceitual é da teoria cognitiva de aprendizagem de David Ausubel, retratada como uma técnica desenvolvida por volta da década de 1970 por Joseph Novak e alguns de seus colaboradores na Universidade de Cornell, localizada nos Estados Unidos. Entretanto o termo mapa conceitual nunca foi de fato utilizado, como salienta Moreira (2012, p. 5)

o conceito básico da teoria de Ausubel é o da aprendizagem significativa, que é quando uma nova informação (conceito, ideia, posição) adquire significados para o aprendiz através de uma ancoragem em aspectos relevantes da estrutura cognitiva preexistente do indivíduo, isto é, em conceitos, ideias, proposições já existentes em sua estrutura de conhecimento ou de significados com determinado grau de clareza, estabilidade e definição.

De acordo com Moreira (2005, p.1), “mapas conceituais, ou mapas de conceito, são apenas diagramas indicando relações entre conceitos, ou entre palavras que usamos para representar conceitos”. Para o mesmo autor (2005), embora os mapas conceituais normalmente tenham uma organização hierárquica, e muitas vezes incluam algumas setas, estes diagramas não devem ser confundidos com organogramas ou diagramas de fluxo, pois não implicam sequência, temporalidade ou direcionalidade, muito menos hierarquias organizacionais ou de poder. Ainda nas palavras do autor (2005, p. 1)

mapas conceituais são diagramas de significados, de relações significativas; de hierarquias conceituais, se for o caso. Isso também os diferencia das redes semânticas que não necessariamente se organizam por níveis hierárquicos e não obrigatoriamente incluem apenas conceitos. Mapas conceituais também não devem ser confundidos com mapas mentais que são livres, associacionistas, não se ocupam de relações entre conceitos, incluem coisas que não são conceitos e não estão organizados hierarquicamente. Não devem igualmente, ser confundidos com quadros sinóticos que não são diagramas classificatórios. Mapas conceituais não buscam conceitos, mas sim relacionar e hierarquizar.

Partindo desta mesma ideia de Moreira (2005), acreditam que os mapas conceituais “são diagramas proposicionais organizados de forma hierárquica, sempre com o objetivo de responder a uma pergunta focal”. Além disso, os mapas conceituais têm seu embasamento na Teoria da Assimilação por meio da aprendizagem significativa de Ausubel, prevendo a organização do conhecimento em conceitos e proposições. A aprendizagem, segundo Ausubel, pode ser descrita em um continuum entre dois extremos, caracterizada pelo estabelecimento de relações arbitrárias e literais entre conhecimentos prévios e a informação e a aprendizagem significativa. Dessa forma, há o estabelecimento de relações arbitrárias e não literais entre conhecimentos prévios e informação, onde o sujeito age intencionalmente para criar significado entre eles, de modo a transformar seus conhecimentos prévios (MOREIRA, 2013, p. 143) afirma que

o mecanismo cognitivo preferencial de construção de conhecimento é via diferenciação progressiva, ou seja, quando as ideias e conceitos mais gerais e abrangentes são desdobrados em outros conceitos, pela introdução de detalhes e/ou exemplos em níveis hierárquicos mais específicos.

Para Tavares (2007, p. 73), a construção do conceito sobre um objeto de uso corriqueiro, como, por exemplo, uma mesa ou uma cadeira, tem conhecimento comum a todos, tais como sua forma e funcionalidade. Entretanto, existe algo de específico na forma com que cada um de

nós vê uma cadeira e uma mesa, o que reflete assim a forma idiossincrática que construímos a conceituação de algo.

O autor (2007) ainda afirma, baseando-se em Ausubel, que o ser humano constrói significados de maneira mais eficiente quando considera inicialmente a aprendizagem das questões mais gerais e inclusivas de determinado tema, deixando de considerar as questões mais específicas de um assunto. Dessa forma, o mapa conceitual foi considerado uma metodologia positiva e complementar, por esta questão foi utilizada neste trabalho, uma vez que na literatura não se consegue obter conceitos específicos sobre o tema trabalhado nesta dissertação.

Visto que apenas os elementos do método Delphi não supriram as necessidades informacionais da pesquisa, utilizou-se do método Survey para analisar as respostas do questionário e elaborar o mapa conceitual.

O Survey, segundo Bryman (1989),

Implica a coleção de dados [...] em número de unidades e geralmente em uma única conjuntura de tempo, com uma visão para coletar sistemicamente um conjunto de dados quantificáveis no que diz respeito a um número de variáveis que são então examinadas para discernir padrões de associação.

Para Martins e Ferreira (2017 p. 03), o Survey pode ter três finalidades: Descritiva, explicativa ou exploratória. Neste trabalho, utilizou-se da forma descritiva onde “objetiva descobrir \ distribuição de certos traços e atributos da população estudada. A preocupação do pesquisador neste caso não é o porquê da distribuição e sim com o que ela é”.

Segundo a literatura existem dois tipos de modelos de Survey: o interseccional e o longitudinal, nesta pesquisa foi utilizado do modelo interseccional que, para Martins e Ferreira, (2017, p. 03), consiste, como principal característica, na coleta de dados de uma certa população e realizada em um único intervalo de tempo.

E, como ainda indicado pelos mesmos autores supracitados, a amostragem deste pode ser probabilística ou não probabilística. A utilizada neste trabalho, a não probabilística, é utilizada em situações em que a amostragem probabilística seria dispendiosa demais e/ou quando a representatividade exata não a necessária.

As variáveis deste trabalho, dentre as variáveis do Survey, são: quantitativa discretas, pois caracteriza-se por números inteiros, sem frações e constituindo um conjunto finito; qualitativa ordinal, pois cada categoria mantém uma relação de ordem com as outras que pode ser ou não regular; dependente, pois mede o fenômeno que se estuda e que se quer explicar e

de escala normal, pois os valores apenas dão nome às categorias, auxiliando na sua distinção (Martins e Ferreira, 2017)

Freitas et.al. (2000) aponta algumas vantagens do Survey como: possuir muito menor custo financeiro, levar menos tempo para se aplicar e eliminar os problemas que possa existir associados ao entrevistador. Assim como também possui desvantagens, como a necessidade das questões serem claras e sem ambiguidade, que o formato seja fácil de ser acompanhado, impossibilidade de realizar observações ou coletar instrumentos adicionais quando enviada pelo correio.

Então, após a aplicação de elemento do Delphi juntamente com o Survey para a obtenção de um melhor resultado de pesquisa, foi construído um mapa conceitual das respostas obtidas. Assim, como forma de mapear as definições e conhecimentos dos contadores de histórias, o mapa conceitual foi um instrumento facilitador da meta-aprendizagem, possibilitando uma oportunidade para aprender, mas também é convite para tornar mais clara as conexões que ele percebe entre os conceitos de determinado tema (TAVARES, 2007).

Embora os mapas conceituais possam transmitir informações factuais tão bem quanto os textos, esses organizadores gráficos são mais efetivos que os textos para ajudar os leitores a construir inferências complexas e integrar as informações que eles fornecem. Segundo Tavares (2007, p. 75), eles têm o potencial de melhorar a acessibilidade e usabilidade material durante uma pesquisa na medida que apresentam marcas visuais-específicas que podem guiar uma seleção ou categorização.

Tavares (2007, p. 75) ainda aponta alguns exemplos de mapas conceituais, uma vez que existem variedades de tipos mapas disponíveis, que foram imaginados e construídos pelas mais diversas formas e razões. Alguns são preferidos pela facilidade de elaboração, outros pela clareza que explica processos, entre outros. São tipos de mapas conceituais: aranha, fluxograma e hierárquico. Para essa pesquisa, escolheu-se o mapa conceitual tipo fluxograma, que, para o autor (2007), organiza a informação de uma maneira linear; é utilizado para mostrar, passo a passo, determinado procedimento, e, normalmente inclui um ponto inicial e um ponto final, sendo que a vantagem do uso desse mapa é a facilidade de leitura, uma vez que as informações estão organizadas de maneira lógica e sequencial. Porém, tem a ausência de pensamento crítico, e normalmente é incompleto na exposição do tema.

Aguiar (2013) afirma que, para se construir um bom mapa conceitual, a clareza semântica das proposições se torna essencial; ou seja, a falta de um termo de ligação impede o entendimento da relação conceitual e produz um mapa mental que se limita a representar a



associação entre conceitos. Consequentemente, a falta desses elementos semânticos produz uma mensagem incompleta, que não é capaz de expressar a relação conceitual com precisão.

Já, para Tavares (2007) não existe um mapa conceitual certo ou errado, e sim, mapas conceituais com demonstração de grande conhecimento sobre as possíveis relações entre os conceitos mostrados. Para o autor, para que seja feito um bom mapa conceitual, deve-se começar utilizando de uma boa seleção de conceitos relacionados ao tema principal, e cada conceito pode estar relacionado a outros tantos conceitos. O autor discorre que “a existência de grande número de conexões entre os conceitos revela a familiaridade do autor com o tema considerado” (TAVARES, 2007, p. 78). A má elaboração de um mapa conceitual colabora para a aplicação de uma conexão linear entre os conceitos; ou seja, o autor é impossibilitado de visualizar outros tipos de conexões, novas possibilidades de entendimento (TAVARES, 2008)

Como dito, foi definido para este trabalho o tipo de mapa conceitual fluxograma, possibilitando assim a definição e interligação dos conceitos relacionados a contador de histórias e contações de histórias.

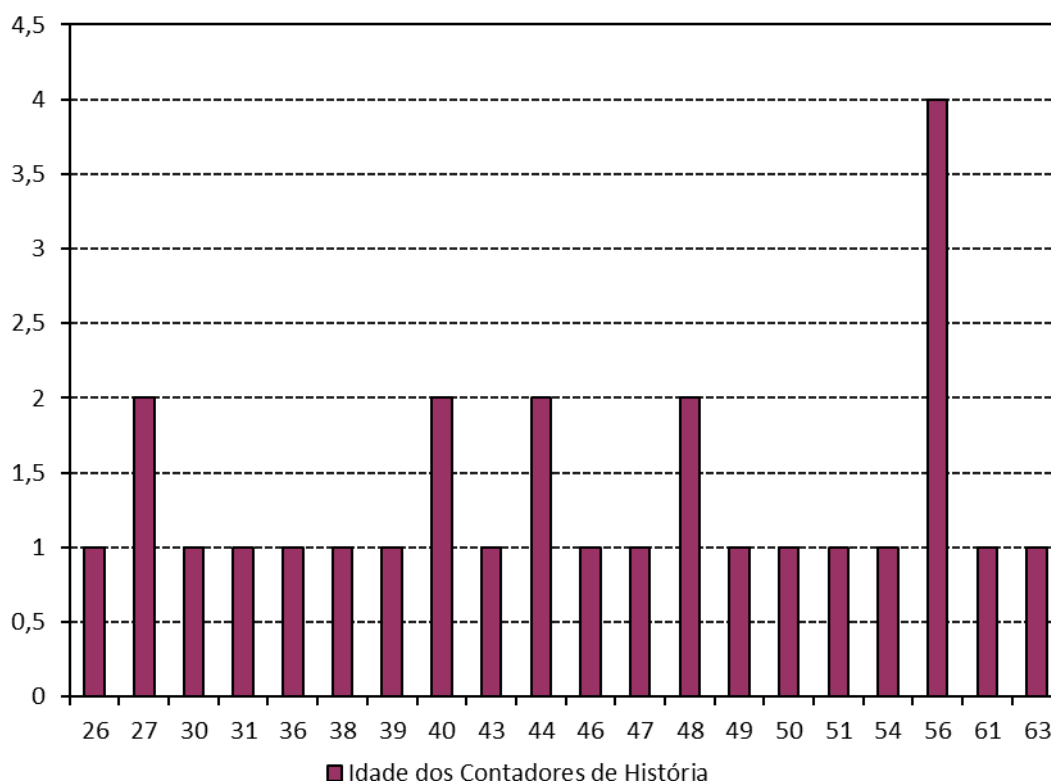
Para a conclusão do trabalho foram analisadas 27 respostas. Foi aplicado o pré-teste com três contadores de histórias selecionados pela autora em seu *Facebook*, para verificar se haveria uma resposta satisfatória para as perguntas feitas e se haveria necessidade de alterar alguma pergunta. Foi elaborado um questionário de 15 questões, e o mesmo foi enviado a 60 contadores de histórias com os quais a autora mantém contato por essa rede social, para a obtenção de informações. O questionário foi aplicado uma única vez, pois os participantes logo na primeira rodada concordaram com os conceitos elaborados, entretanto até a data da qualificação deste trabalho em novembro de 2017, haviam apenas 23 respostas, já em 2018 para a conclusão do mesmo, constava-se 27 respostas, então foi necessário refazer os conceitos com mais uma rodada e como da primeira vez já se obteve o consenso. Foi mantido o anonimato dos participantes, e quando citadas suas respostas, usou-se um pseudônimo. O questionário foi feito de forma online via Google questionários, manteve-se aberto para respostas por um período de 10 meses. Após o consenso de respostas foi formulado o mapa conceitual para explicitar e ligar os conceitos.

#### 4. ANÁLISE DE PESQUISA

Dos 100 questionários enviados, obteve-se um retorno de 27 questionários. Dos 27 voluntários que responderam, 8 tem contato mais próximo com a autora deste trabalho; os outros 19, somente pelo *Facebook*.

Foi possível definir a idade<sup>15</sup> dos contadores de histórias que responderam o questionário entre 26 e 61 anos, residentes nos Estados<sup>16</sup> da Bahia, Mato Grosso, São Paulo, Sergipe, Santa Catarina, Paraná, Goiás e Distrito Federal. A formação profissional<sup>17</sup> varia bastante: atores, atrizes, professores, pedagogos, arteterapeutas, produtora cultural, bacharel em biblioteconomia, cabeleireiro, bacharel em educação física, estudante de jornalismo, fisioterapeuta, professora de letras, formação no magistério e comunicação e dentre esses 27 dois colocaram sua formação como contadores de histórias.

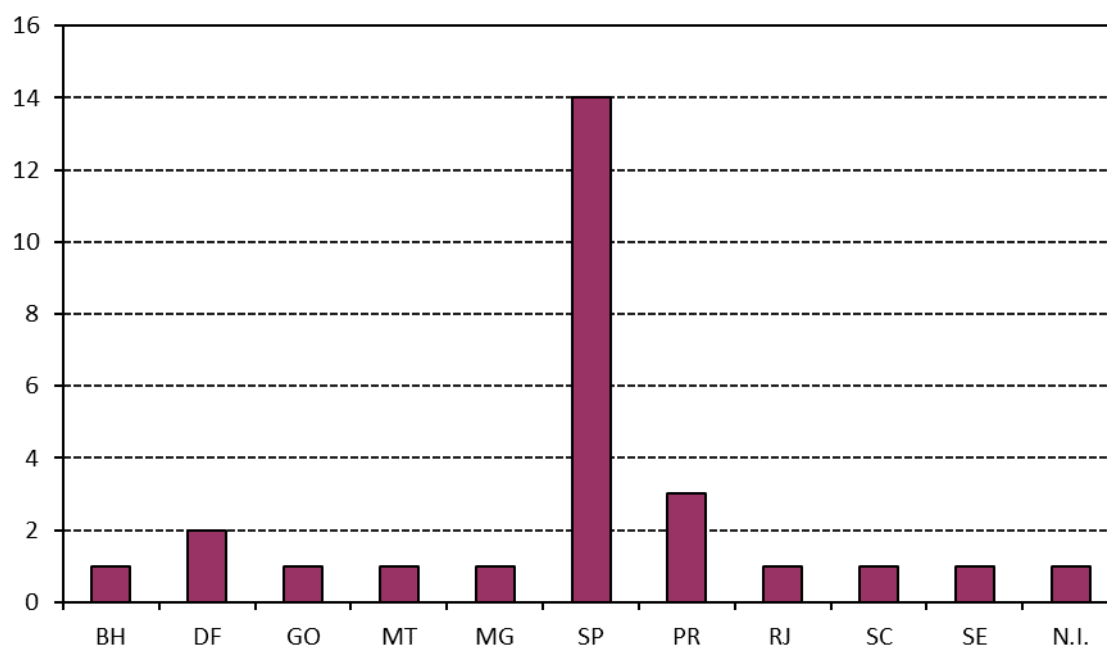
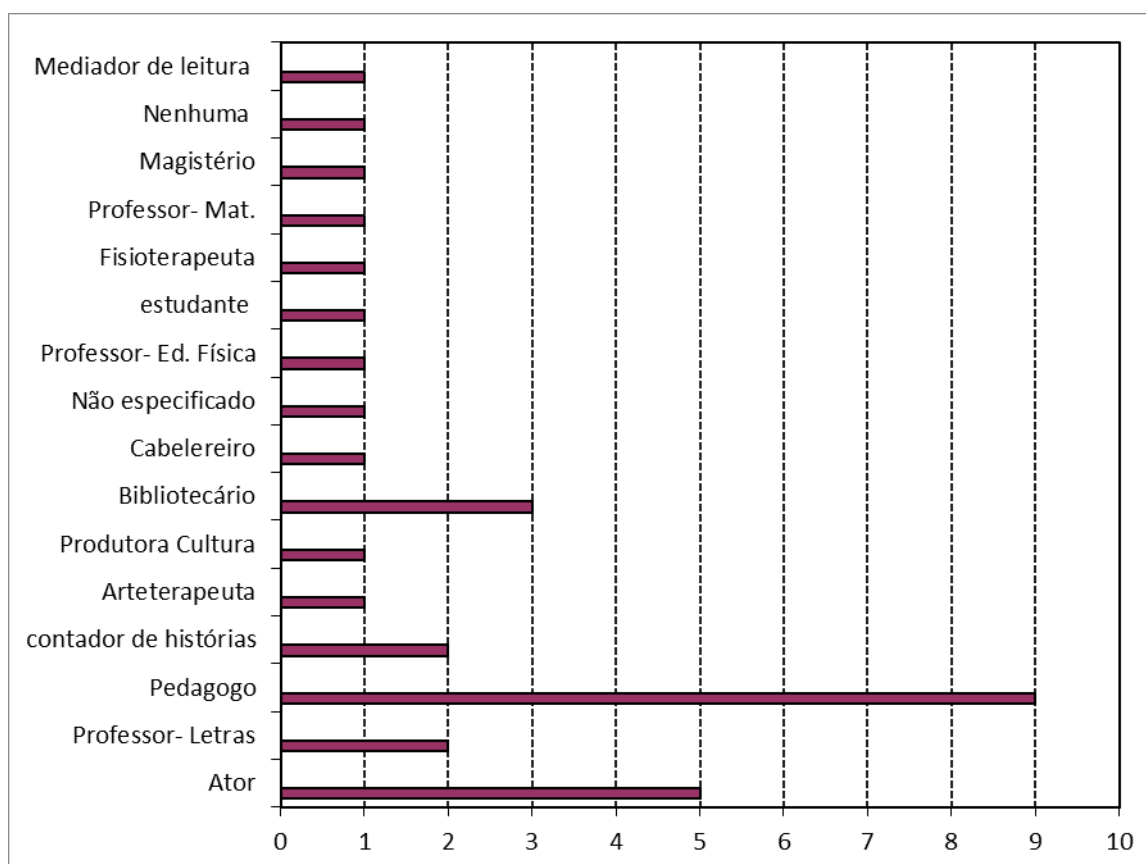
**Gráfico 1** - Idade dos Contadores de Histórias



<sup>15</sup> Gráfico 1

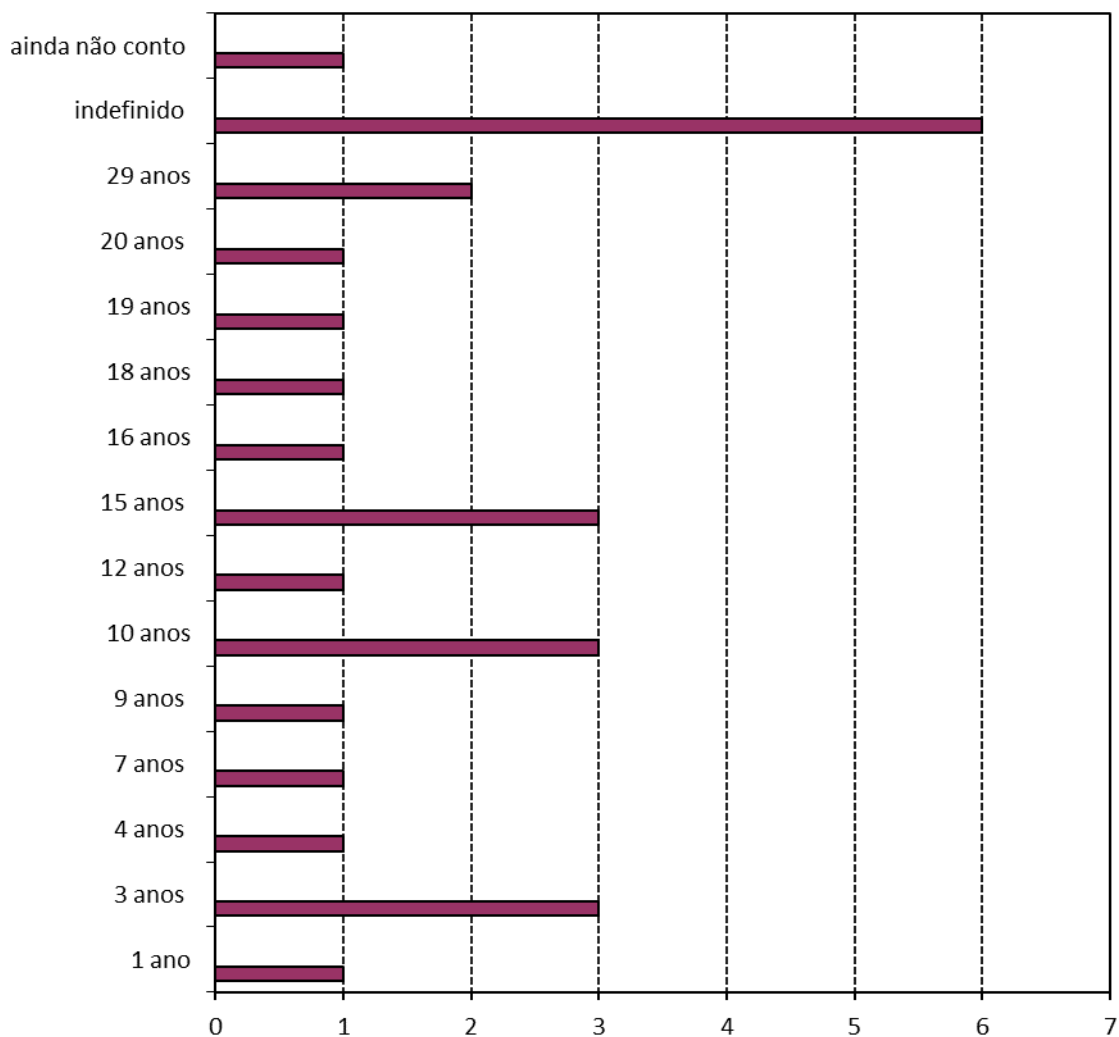
<sup>16</sup> Gráfico 2

<sup>17</sup> Gráfico 3

**Gráfico 2 - Estados dos Contadores que Participaram da Pesquisa****Gráfico 3 - Formação Profissional (podendo ter mais de uma opção por participante)**

O tempo de atuação<sup>18</sup> como contadores de histórias varia de 3 a mais de 20 anos. Contam histórias nos mais variados lugares<sup>19</sup>, utilizam de vários tipos de recursos<sup>20</sup>, e se notou que alguns contadores de histórias contam para todas as idades, outros tem público delimitado, contam histórias voltadas para determinada idade<sup>21</sup>.

**Gráfico 4 - Tempo de Atuação como Contador de Histórias**

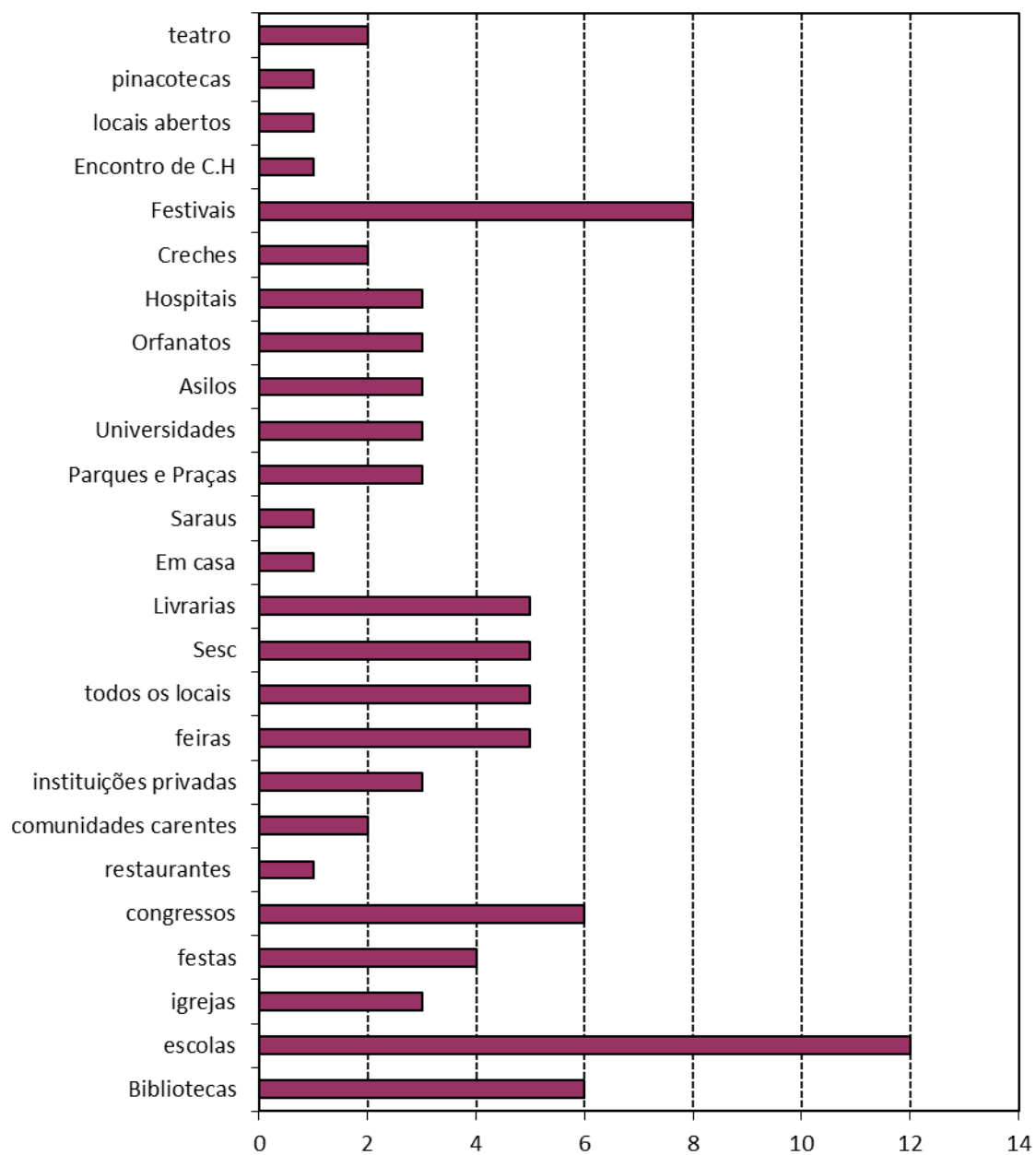


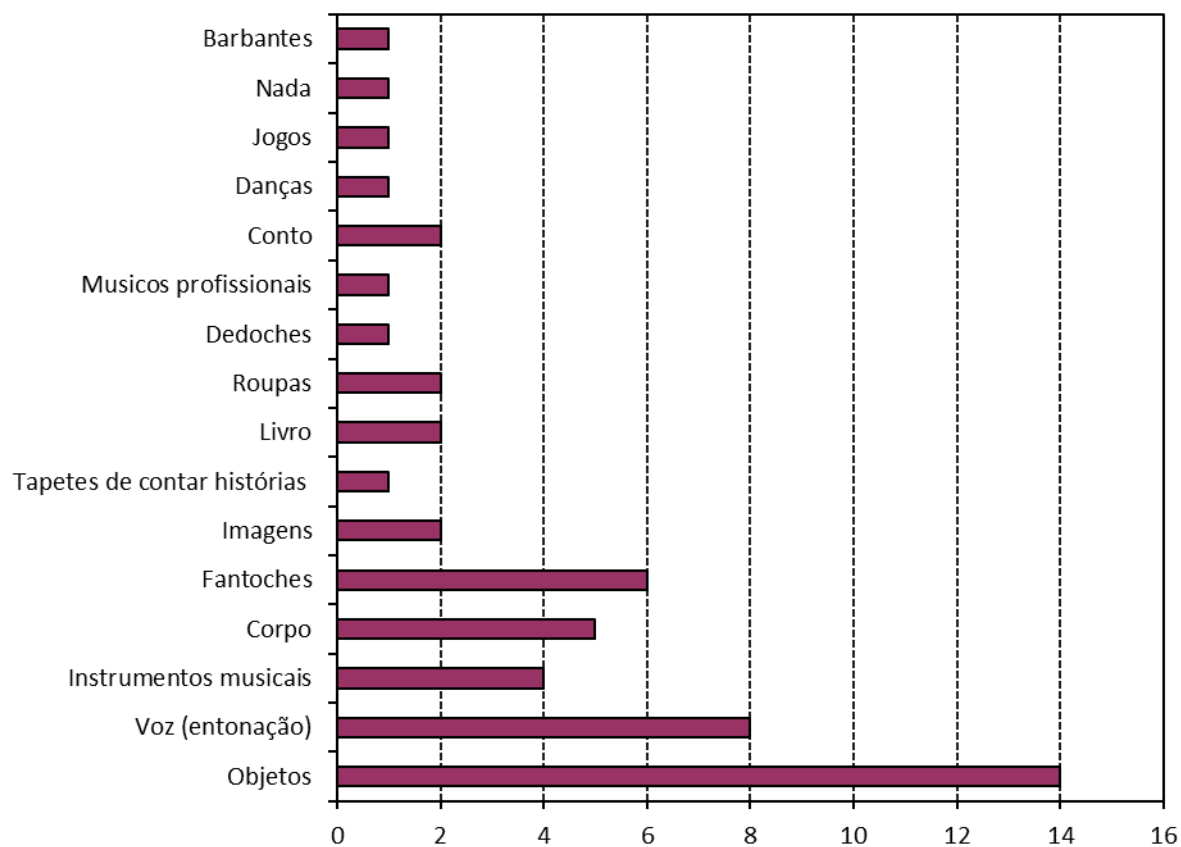
<sup>18</sup> Gráfico 4

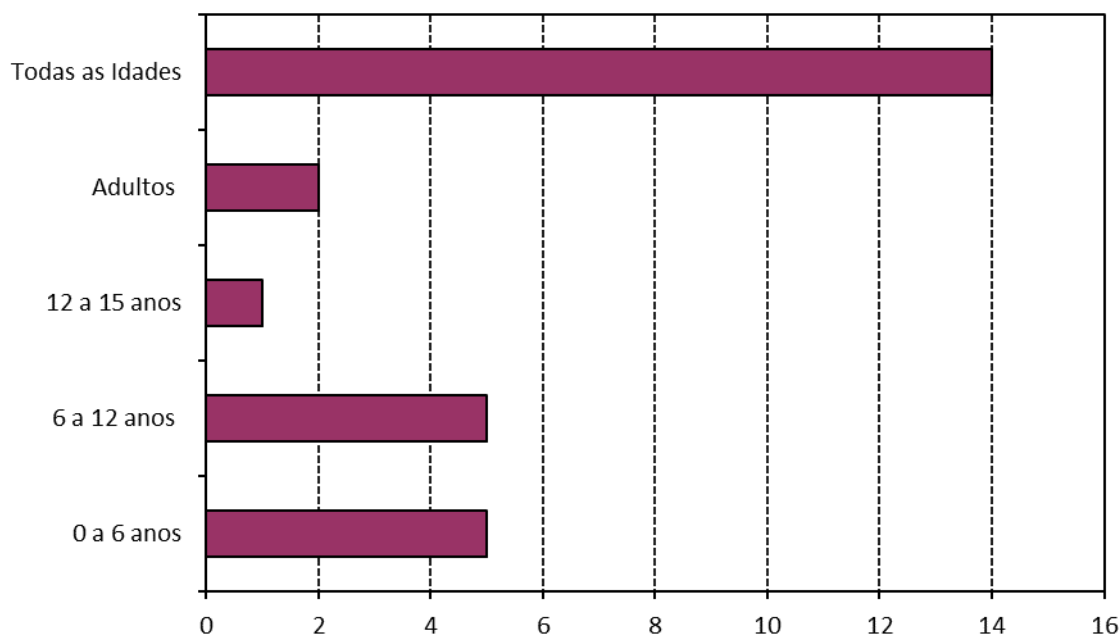
<sup>19</sup> Gráfico 5

<sup>20</sup> Gráfico 6

<sup>21</sup> Gráfico 7

**Gráfico 5 - Locais de Atuação dos Contadores de Histórias**

**Gráfico 6 - Tipos de Recursos Utilizados para Contar Histórias**

**Gráfico 7 - Idade do Público-Alvo**

As questões relativas aos gráficos acima auxiliam no entendimento do perfil do objeto de pesquisa, os contadores de histórias, e também confirmam as informações obtidas durante a elaboração do referencial teórico quanto aos locais de atuação, perfil e recursos.

Nota-se que a idade dos contadores que se dispuseram a responder o questionário varia de 26 até 63 anos e que a maioria habita o Estado de São Paulo, isto por que a autora do trabalho é do Estado de São Paulo, e foram contadores que a mesma tem contato, portanto houve uma maior solicitude em responder as questões. Quanto a profissão, notou-se que os maiores números foram de áreas que maior se relacionam com a contação como professores e pedagogos que se utilizam da prática em sala de aula, bibliotecários que se utilizam da prática para incentivo e mediação de leitura, e atores, uma vez que esta profissão está altamente ligada com a dramaturgia. No entanto, formações inusitadas como profissionais da estética como cabelereiros ou da saúde, como fisioterapeutas, se encantaram por essa arte e hoje encantam com a mesma. Os lugares são variados, dentre instituições de caridade (asilos, hospitais e orfanatos), praças, festas de aniversários; mas o maior número ficou com lugares/instituições ligadas a cultura e/ou educação e/ou leitura como escolas, bibliotecas e feiras e festivais literários, mas chama a atenção o Sesc<sup>22</sup>- Serviço Social do Comércio, citado por diferentes

<sup>22</sup> Missão do Sesc: Contribuir para o desenvolvimento humano e a qualidade de vida dos empregados do comércio de bens, serviços e turismo seus familiares e por extensão a sociedade, promovendo acesso com qualidade a experiências, informações e ações nas áreas de cultura, saúde, esporte, turismo e educação.  
Fonte: [www.sescrrio.org.br/missao](http://www.sescrrio.org.br/missao) aceso em 11 ago 2018.

profissionais como um local de frequente atuação. Os recursos utilizados são dos mais variados, dentre barbantes, instrumentos musicais... todavia os mais recorrentes são Fantoches e objetos de fácil acesso, foi questionado com os participantes que disseram utilizar fantoches o porquê do uso dos mesmo, e a resposta obtida foi de que os fantoches são fácil elaboração, podendo serem feitos de materiais diversos como: pano, meias, feltro, espuma, materiais recicláveis, etc. E quanto ao uso de objetos, a justificativa foi o baixo custo, uma vez que pode trabalhar com qualquer objeto que já tenha acesso, e utilizar da imaginação da criança para personificar o personagem no objeto. A seguir algumas frases retiradas dos questionários enviados pela autora, aos contadores, e para manter o anonimato, coloca-se nas frases autoria de personagens importantes na literatura nacional e estrangeira.

“Já contei a história da Maria Vai com as outras (Sílvia Orthof) com novelas de lã fazendo as ovelhinhas, e outra vez peguei tufo de algodão, deu super certo e as crianças amaram. ” – (Sancho Pansa)

“Uma vez precisava contar a história Romeu e Julieta (Ruth Rocha) para crianças do fundamental I, aí vi no Youtube a ideia de contar usando luvas de borracha, dessas de limpeza, para fazer as borboletas, fiz assim e gostaram muito, até as professoras acharam legal. ” (Saci Pererê).

A voz também foi um recurso recorrente nas respostas dos entrevistados, e obteve-se os seguintes comentários.

“Se conto a história da Chapeuzinho Amarelo (Chico Buarque) quando é a voz da Chapeuzinho, faço uma voz meiga, quando é o lobo, faço uma voz forte sabe? Assim as crianças sabem que é outro personagem” (Caipora).

“ Gosto de mudar o tom de voz a cada personagem, e gosto de colocar músicas, conto músicas com a voz do personagem que estou imitando, por exemplo na história Festa no Céu, tem várias partes cantadas por diferentes personagens, aí canto com a voz que estou fazendo para os personagens, é um jeito legal de prender a atenção das crianças, pois essa não é uma missão fácil viu ?!” (Tia Nastácia).

Quanto a pergunta número 7, que se refere a idade do público alvo, a maioria respondeu que conta para todas as idades, contudo esta não foi uma resposta unânime. As pessoas que responderam que atende todas as idades, afirma que quando conta uma história todos que estão presentes participam e aproveitam a história contada:

“Uma história bem contada agrada a qualquer ouvido” (Tio Barnabé).



Já alguns contadores delimitaram o público como de 0 a 6 anos, 6 a 12 anos, ou adultos, estes afirmam que não tem como contar uma história escrita para adulto para um público infantil:

“Gosto de contar causos, gosto de contar histórias que tenham elementos como o diabo, a morte, como conto uma história assim tendo um público infantil, me fala ?! e outra coisa, tem todo um preparo do contador para contar para adultos e contar para criança” (Asterix)

“Eu prefiro contar para a primeira idade, de 0 a 6 anos, não sei lidar muito com adolescentes, eles já perderam a magia e fazem perguntas que desmoraliza a história contada” (Bruxa Má)

“Adoro contar histórias para os pré-adolescentes, a interação é única, eles têm muitas interpretações da história após contada, e reparam em tudo, se digo que o vestido era amarelo e depois falo azul, eles percebem, tem que ter jogo de cintura e eu me divirto com isso, e treino o pensamento para respostas rápidas.” ( Fada Sininho)

Entretanto, as quatro questões discutidas a seguir são primordiais para os resultados finais deste trabalho, são elas: “Qualquer um pode contar histórias?”, “Precisa fazer curso para ser contador de história?”, “O que é ser contador de histórias?”, “Qual o papel do contador de histórias?”.

Dos 27 voluntários, 25 acreditam que qualquer um pode contar histórias. Entretanto, 20 deles dizem que não é preciso um curso para ser contador de histórias.

**Gráfico 8** - Qualquer um pode ser contador de histórias?



**Gráfico 9** - É necessário fazer um curso para ser contador de histórias?



Duas respostas chamaram a atenção para esta pergunta: uma pessoa responde que ainda não conta histórias, e uma pessoa que respondeu que sempre foi contadora de histórias. A autora deste projeto entrou em contato com o voluntário que respondeu que ainda não contava histórias, a fim de esclarecer o porquê se sente um contador de histórias, mas não conta histórias, afirmou então que fazia o curso de pedagogia, já havia feito alguns cursos de contação de histórias, no entanto ainda não contava histórias, pois não tinha a segurança para tal. O segundo voluntário mencionado, afirmou que sempre foi um contador de histórias “pois desde que se entende por gente conta e escuta histórias”.

As respostas obtidas com o questionário, referentes aos recursos utilizados pelos contadores de histórias vem para reafirmar o leque de possibilidades que o contador de histórias tem para poder utilizar em sua apresentação. No entanto, dos 27 participantes, somente 1 disse que não utiliza nada,

“Nenhum! Nenhum, mesmo! Não faço imitações, não mudo a voz, não uso adereços, não uso roupas especiais, não me pinto, não uso gravuras, não uso imagens, não uso cenários, etc., etc., etc. E, sempre que possível, não uso microfones. Também, vale dizer, que não me

comporto como ator, ou seja, não represento os personagens, evitando, ao máximo, qualquer tipo de "misancene" (jogo de cena, jogo para a plateia, etc.)” (Peter Pan<sup>23</sup>)

Há uma discussão quanto à definição de ‘narrar histórias’, ‘contar histórias’ e ‘mediar histórias’, 4 dos questionários respondido se referiam a mediação, este supracitado refere-se à narração e os demais, contação.

Narrar pelo dicionário Aurélio<sup>24</sup> é contar (descrevendo). Referir, relatar, não se nota emoção (como descrito na fala de Peter Pan), Mediar leitura, seria levar a mensagem/informação contida no livro (emissor), até os ouvintes da história (receptor), respeitando espaços, pausas, pontos, sem acrescentar nem tirar informação. Contar implica em uma liberdade para retirar/colocar/substituir personagens, mudar cores, cenários, deixar a história interessante e principalmente acessível para o público a qual ela será contada, no entanto deve-se manter o contexto. Exemplo: Um porco mau, no lugar do lobo mau.

"Contar história é criar e recriar pontos e partes, contar histórias para mim é compartilhar cultura de uma forma afetiva, contagiante, amorosa e encantadora". (Rainha de Copas)

Notou-se também em 24 dos 27 questionários respondidos, a presença da oralidade na resposta das questões citadas.

“Contar histórias é preservar a cultura oral, incentivo à leitura e estímulo à imaginação criativa.” (Dona Benta).

“Contar histórias é ter para si a responsabilidade e importância da oralidade onde podemos "falar sério brincando" (Príncipe Hans, das Ilhas do Sul).

“Ser Contador de História é: Passar a cultura adiante, preservar a oralidade, o hábito de contar e de ouvir histórias, mudar as pessoas de uma maneira extraordinária, quem conta histórias se encanta tanto quanto que ouve histórias. O Contador de Histórias mantém vivo uma das tradições milenares mais importantes para um povo, que é perpetuar sua cultura, seus ensinamentos e sabedoria.” (Princesa Elsa).

Entretanto, quando questionados sobre a necessidade de se fazer um curso de contação de histórias para ser um contador de histórias, destes 23, 6 deram uma resposta positiva.

“Contar histórias nos dias atuais é um ofício que requer muito estudo, pesquisa e escuta. É preciso primeiramente valorizar a arte da narrativa, e isso requer uma escuta específica, um olhar poético para com as histórias do mundo, das pessoas e do lugar onde se vive. Como disse

<sup>23</sup> Toda frase reproduzida do questionário foi referenciada como de um personagem de literatura infantil. Ideia retirada da dissertação de Felícia Fleck para reproduzir fala de entrevistados, mantendo o anonimato.

<sup>24</sup> Fonte: <https://dicionariodoaurelio.com/narrar> acesso em 26 jun 2018

Lewis Carrol: "Contar histórias é dar um presente de amor'. O escritor Fabiano Moraes afirma que "Contar Histórias é Brincar com as Palavras'. Compactuo destes pensamentos entre tantos outros, pois a paixão e o respeito pela minha profissão é inenarrável. Contar histórias uma função social, presente de nossos ancestrais." (Branca de Neve).

“Faço cursos para potencializar a minha oralidade. Todos somos contadores de histórias, mas acho fundamental aprendermos algumas técnicas para melhorar ainda mais a nossa arte da oralidade e deixar cada vez mais a história emocionante para o público.”

Dos 23 participantes apenas 3 nunca fizeram nenhum curso, utilizam somente da literatura da área e das experiências vividas a cada contação de histórias, os outros que afirmaram que fizeram cursos, variam de cursos presenciais, online, no Brasil e no exterior.

O objetivo específico deste trabalho, de entender a contação de histórias como mediação oral da informação, foi alcançado com o estudo e levantamento do referencial teórico, os objetivos específicos também foram alcançados. Através da metodologia Survey com elementos da metodologia Delphi, foi possível mapear os recursos e locais de atuação deste grupo delimitado de contadores de histórias assim como uma definição do que é contar histórias e qual é o perfil social/relevância do contador de histórias. Entretanto, o perfil pessoal do contador acabou por ficar superficial, uma vez que foi perguntado no questionário como perguntas obrigatórias apenas Estado, idade e profissão, a parte em aberto para falar um pouco de si, não era obrigatória e não foram obtidas respostas.

Na voz dos próprios contadores, dizem que contar histórias é levar cultura e informação através do livro e perpetuar a tradição da oralidade, pois nem toda história está em livros, é poder passar a quem ouve toda emoção que a história tem. Abrir um portal para uma outra realidade e sentir a história na sua plenitude. Contar histórias é uma atividade milenar, que pode ser adaptada às necessidades da vida moderna e aos aspectos cênicos e artísticos de hoje. Contar é compartilhar, é imaginar junto com o público cada momento, vivendo cada detalhe da saga contada. Contar histórias é uma forma de conviver, e de falar sério, só que brincando. Contar histórias é criar um momento de reflexão, imaginação, poder viver o mundo mágico do impossível, dar voz às experiências humanas através da arte da palavra, é instigar o imaginário do ouvinte e viajar pelas palavras, que levam, a todos que estão presentes nas contações de histórias, a qualquer lugar, qualquer época, mundos encantados, lugares inabitados. Através da história, podemos levar qualquer um a qualquer lugar e transmitir a emoção do livro; suscitar o imaginário do ouvinte e trazer o imaginário, o mágico e os encantar e envolver. É transmitir conhecimentos de forma lúdica e leve. É ter um olhar poético para com as histórias do mundo, das pessoas e do lugar onde se vive. Como disse Lewis Carroll (sem data): "Contar histórias é

dar um presente de amor”. O escritor Fabiano Moraes (sem data) afirma que "contar histórias é brincar com as palavras”. Contar histórias é uma função social, presente de nossos ancestrais. Contar histórias é poder passar a cultura adiante, é contribuir para a criação de um ser social, verdadeiro, humano no sentido da afetividade. Disseminar a cultura oral, incentivar a leitura e estimular à imaginação criativa.

Contar histórias é invocar beleza, poesia, sabedoria, vida, amor, humor, é poder contribuir, de alguma forma, com a vida da pessoa que a escuta, seja ensinando uma moral, seja fazendo brotar a saudade de um tempo bom, acalantar momentos difíceis, instigar conhecimento e leitura, ou apenas para ter um sorriso ao fim de uma contação de histórias.

E, por último, a resposta da pergunta “Qual é o papel social do contador de histórias”, onde a resposta obtida foi: o papel social do contador de histórias é divulgar informações, firmar a identidade cultural de uma comunidade, povo, região. Transformar vidas através das histórias e formar leitores desenvolvendo o prazer pela leitura e o senso crítico, podendo mudar situações de natureza emocional, basta que ele saiba através da história, cativar e acalantar aquele que houve, curador, ‘levador<sup>25</sup>’ de esperança. Resgate dos bons sentimentos humano. Dependendo de em qual sociedade está inserida, tem a função de preservar a história e a memória, de recreação, provocação, entretenimento, reflexão e de ensino.

---

<sup>25</sup> Foi enviado por email para o participante do questionário perguntando o que queria dizer quando utiliza a expressão “levador” de esperanças, e foi respondido que seria no sentido de dizer que o contador de histórias leva esperança para quem o escuta.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contador de histórias exerce um papel de muita importância na preservação e divulgação da cultura, fazendo a sociedade se reconhecer. Vencer seus medos através das histórias, resolver seus amores, entender situações, ajudar a entender lições de moral. É também papel do contador de histórias levar mais leveza, informação, alegria, preservar e propagar a memória ancestral, integrando gerações e conhecimentos através da arte narrativa. Semear o gosto pela arte da literatura, através do faz de conta, do imaginário de forma poética e com seriedade. É ser mediador entre a fantasia e a realidade através das histórias, mediador de leitura, suscitador de imaginários, mantenedor de cultura popular e tradicional e das narrativas orais. Fazedor de sorrisos, risos e gargalhadas, multiplicador de conhecimento e transmitir uma sabedoria que se encontra guardada nas histórias.

Longe de atrapalhar o caminho percorrido pela tradição oral, faz-se importante citar as adaptações às novas linguagens informacionais e suportes da informação vem para reforçar o sucesso das boas narrativas no mundo contemporâneo. Embora o principal meio de transmissão das histórias em livros, sejam eles escritos ou apenas de imagem, é a oralidade, a importância do uso de diferentes suportes é indiscutível, suportes tais como, rádio, CDs, canais no *Youtube*, vídeos no *Facebook*, entre outros.

Costa (2015, p. 35) diz que “[...] é importante dizer que a tradição é mais que a rememoração do passado; é uma prática cotidiana. Assim se constrói a memória e se reafirmam identidades”.

A importância deste trabalho deu-se pela discussão de conceitos acerca da contação de histórias, assim como um levantamento do perfil, locais de atuação e recursos utilizados por esta classe em expansão que é o contador de histórias. Mas acredita-se que o trabalho tem como diferencial o mapeamento dos conceitos de Contação de história e do Papel social do contador de histórias, exposto pelos próprios contadores. Além de expor os conceitos acerca do tema, com estes mapas fica mais fácil a visualização do perfil e competência da classe estudada, baseando-se nestes 27 contadores que responderam o questionário.

Os objetivos do trabalho foram alcançados e, além do proposto, com a exposição de trechos das respostas dos participantes, foi possível a compreensão ainda maior de alguns pontos abordados no trabalho.

Para finalizar, é apresentado a seguir o mapa conceitual do tipo fluxograma, onde é exposto o conceito das seguintes perguntas focais: “O que é contar histórias?” e em seguida o mapa de conceito da pergunta focal “Qual o papel social do contador de histórias?” pelos próprios contadores

Antes de expor os mapas elaborados pela autora, faz-se necessário lembrar que, Moreira (2005), acredita que os mapas conceituais “são diagramas proposicionais organizados de forma hierárquica, sempre com o objetivo de responder a uma pergunta focal”, lembrando que os mapas conceituais têm seu embasamento na Teoria da Assimilação por meio da aprendizagem significativa de Ausubel, prevendo então a organização do conhecimento em conceitos e proposições. Dessa forma, há o estabelecimento de relações arbitrárias e não literais entre conhecimentos prévios e informação, onde o sujeito age intencionalmente para criar significado entre eles, de modo a transformar seus conhecimentos prévios.

Quando questionados quanto ao conceito de “o que é contar histórias” e “qual o papel social do contador de histórias”, os contadores responderam de formas técnico-afetivas, colocando sempre o estudo, a prática, e a capacitação juntamente com o todos os sentimentos passados e recebidos, trocados e despertados quando conta-se uma história. Em seguida discute-se um pouco destas respostas e se engloba no mapa, todos os conceitos apontados pelos contadores, tendo então o conceito de “O que é contar histórias” e o conceito do “Papel social do Contador de histórias” pelos próprios contadores de histórias.

#### Pergunta 1: O que é contar histórias?

Dentre as respostas dividiu-se o conceito entre teórico e afetivo, os contadores apontam que contar história é emoção, é viver o impossível, fugir da realidade, instigar o imaginário ajudar as pessoas, principalmente as crianças a externizar sentimentos (como afirmado em teoria pode Dohme 2013), apontaram a importância de levar a cultura, a perpetuação da oralidade. Alguns reafirmaram que não precisa de um curso para ser contador de histórias, apenas precisa se profissionalizar caso queira fazer desta arte, o seu ganha pão. Neste primeiro mapa conceitual o conceito do ‘lúdico’ e ‘imaginação’ esteve lado a lado com ‘dedicação’ e ‘estudo’.

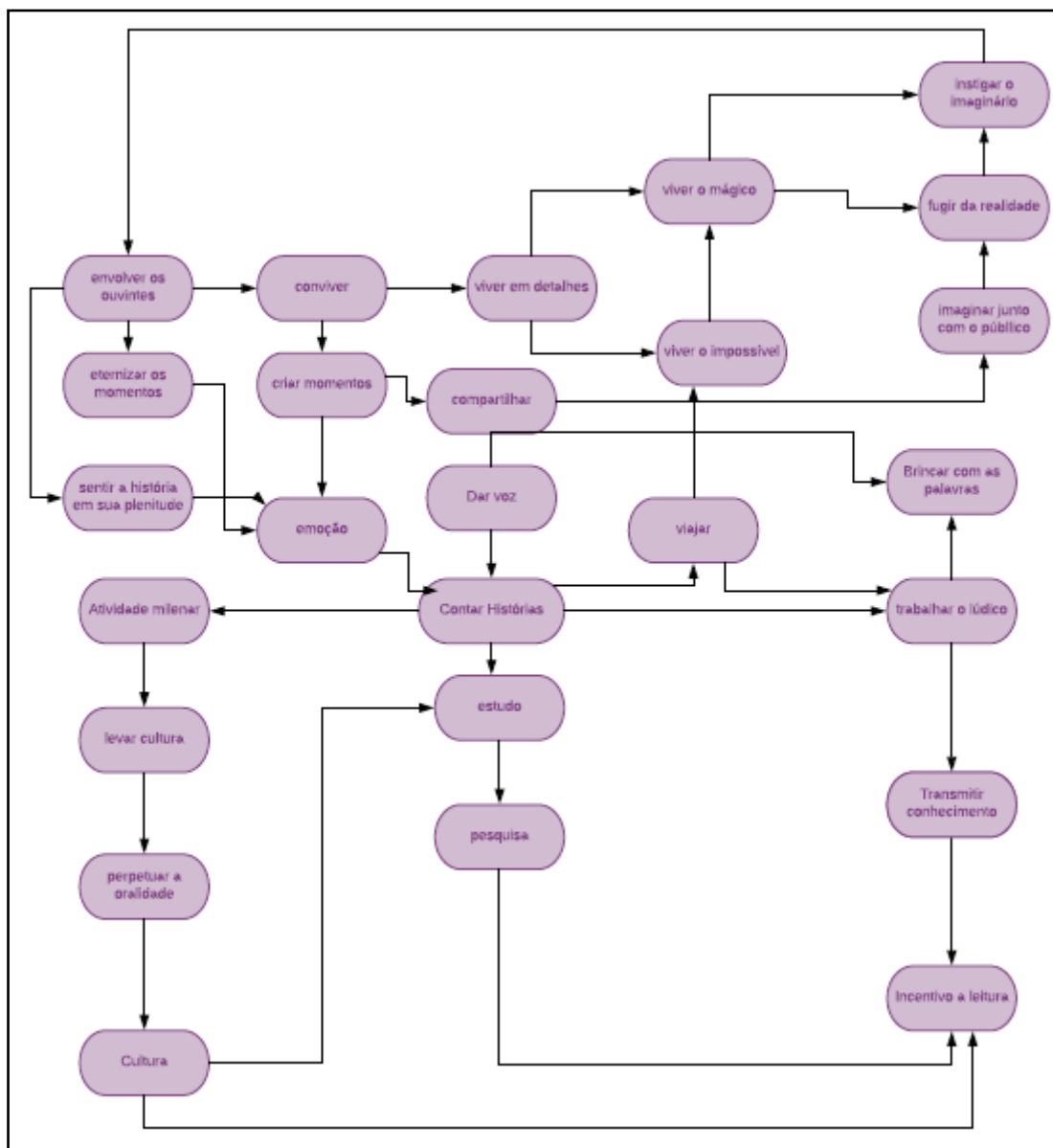
“É compartilhar, imaginar junto com o público cada momento. Viver cada detalhe da saga contada. Contar histórias é uma forma de conviver. Por isso acredito que não precisa de um curso. Temos grande contadores de histórias que não fizeram curso algum, mas tem uma boa oralidade e a entrega necessária. Mas eu acredito que um curso colabora para o aprimoramento e para trazer técnicas que ajudam a melhorar essa arte. ” (Gato de Botas)

“Contar histórias nos dias atuais é um ofício que requer muito estudo, pesquisa e escuta. É preciso primeiramente valorizar a arte da narrativa, e isso requer uma escuta específica, um olhar poético para com as histórias do mundo, das pessoas e do lugar onde se vive. Como disse Lewis Carrol: 'Contar histórias é dar um presente de amor'. O escritor Fabiano Moraes afirma que 'Contar Histórias é Brincar com as Palavras'. Compactuo destes pensamentos entre tantos outros, pois a paixão e o respeito pela minha profissão é inenarrável. Contar histórias uma função social, presente de nossos ancestrais. ” (Menino Maluquinho)

“Ser social, ser verdadeiro, ser humano no sentido da afetividade. ” (Feiurinha)



**Figura 8** - Mapa conceitual da pergunta 1



Pergunta 2: Qual o papel social do contador de histórias?

Estiveram presentes nas respostas, o lúdico. Alguns contadores apontaram o papel social do contador como ajudar a curar feridas internas como depressão, com a biblioterapia, proporcionar bons momentos

“Acredito que quando a pessoa escuta uma história e gosta, procura livro semelhantes, isso para a biblioterapia é fundamental, ajuda a curar feridas de dentro para fora” (Moby Dick )

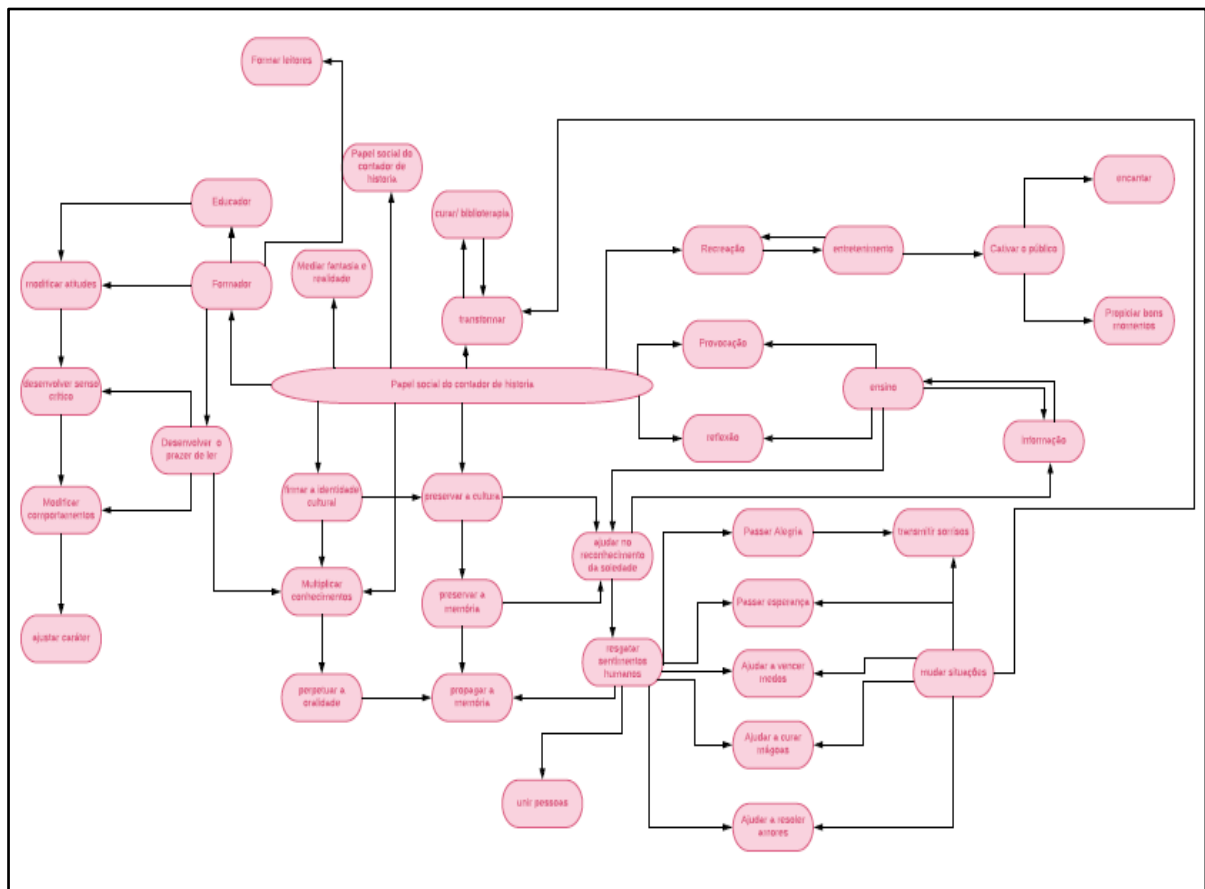
Alguns apontaram o papel social como sendo de provocação, de inquietar as pessoas com as histórias, no entanto, houve um consenso com relação a preservação da oralidade e formação de leitores, dos 27 que responderam o questionário, as 27 respostas dentre suas diversidades, tiveram estes dois termos presentes.

“Trazer amor, alegria, conhecimento, esperança e unir as pessoas e preservar a memória de histórias que não estão nos livros.” (Chapeuzinho Amarelo)

“O contador de histórias pode mudar situações de toda a natureza, basta que ele saiba através da história, cativar aquele que houve. Como no Pequeno Príncipe, você se torna responsável por aquele que cativa. O contador, com uma história bem contada instiga os leitores a lerem o livro e quem sabe até outros livros que nunca tenham nem imaginado ler” (Lobo Mau)

“Contar histórias é também um ato de resistência de reafirmação da importância do ato de narrar histórias, (as histórias são patrimônio imaterial pertencente a humanidade). Acredito que o principal papel dos narradores de histórias é o de guardiões das palavras. Neste mundo cada vez mais tecnológico, onde se troca o diálogo presencial pelo virtual, percebemos o esvaziamento das palavras faladas. Posto isto, surgem a necessidade de escutarmos, cada vez mais uns aos outros, e a figura do narrador de histórias vem preencher essas lacunas. Contadores de histórias são aqueles que tem a sabedoria e sensibilidade de escutar e compartilhar as histórias do mundo para o mundo.” (Zangado – Branca de Neve)

**Figura 9 - Mapa conceitual da pergunta 2**



Durante a computação das respostas do questionário, que serviu de base para a elaboração dos mapas conceituais, a autora do presente trabalho não expressou sua opinião a cerca desta temática que nos dias atuais está ressurgindo com força e impacto, e sendo a cada dia que passa, mais valorizada: a contação de histórias. Uma vez que a mesma é Contadora de histórias já a 5 anos, e faz desta também sua fonte de renda, a autora deixa, no seguinte parágrafo com suas palavras o que acredita ser ‘Contar histórias’ e qual o ‘Papel social do contador de histórias

“Todos somos contadores de histórias, todos temos em nós a contação, uma vez que um simples diálogo como: “ Fulana, a viagem que fiz foi incrível deixa eu te contar...” torna-se uma narrativa e que muitas vezes usamos recursos sem nem nos damos conta ( recursos como entonação de voz, pausas dramáticas, dramatização ...) no entanto para trabalhar como contador de histórias, ou seja, fazer desta atividade seu ganha pão, é necessário muito mais que vontade e dom, faz-se necessária dedicação, estudo, preparo... não basta saber a história, deve-se conhece-la conseguir vive-la de olhos fechados, para que consiga adapta-l, frente de questionamentos do público ( principalmente quando conta-se pra crianças), é necessário preparo e ensaios. Contar histórias vai muito além do “senta aqui que vou ler um livrinho pra vocês”, você é responsável por tudo o que aquela história despertará, é ter chance de mudar vidas, escolhas, sentimentos, atitudes, padrões, momentos. É poder transformar um dia chuvoso numa manhã ensolarada. Tendo todas essas possibilidades com o “Contar histórias”, acredito que o papel social do contador seja o de mediado informação, e mediador de transformação, além de ter em si a responsabilidade de manter viva histórias novas e histórias que já são quase esquecidas, histórias escritas e histórias somente contadas, é levar a palavra para quem não tem acesso a ela, o papel social do contador é de tornar igual todo um público completamente diferente.” (Aline Botelho- Bibliotecária e Contadora de Histórias para Crianças.).

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. 2.ed. São Paulo: Scipione, 1991.

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. 5.ed. São Paulo: Scipione, 2001.

ALMEIDA JUNIOR, O. F. de. **Biblioteca pública**: ambiguidade, conformismo e ação guerrilheira do bibliotecário, 2009. Disponível em:  
<[http://www.ofaj.com.br/pessoais\\_conteudo.php?cod=9](http://www.ofaj.com.br/pessoais_conteudo.php?cod=9)>. Acesso em: 21 jul. 2016.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. **Biblioteca pública**: avaliação de serviços. Londrina: Edue, 2013.

ANDRADE, T. F. Formação do bibliotecário escolar: estudo de caso sobre o curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da UFSCar. **Biblioteca Escolar em Revista**. Ribeirão Preto, v. 2, n. 1, p.1-19, 2013.

BAJARD, E. **Caminhos da escrita**: espaços de aprendizagem. São Paulo: Cortez, 2002.

BAJARD, E. **A descoberta da língua escrita**. São Paulo: Cortez, 2013.

BALÇA, A.; FONSECA, M. A. Os docentes e a biblioteca escolar: uma relação necessária. **Revista Lusófona de Educação**. Portugal, n. 20, p. 65-80, 2012. Disponível em:  
<[http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1645-72502012000100005&lang=pt](http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-72502012000100005&lang=pt)>. Acesso em: 20 jul. 2016.

BARROS, A. J. da S; LEHFELD, N. A. de S. **Fundamentos de metodologia científica**: um guia para a iniciação científica. 2. ed. São Paulo: Pearson, 2000.

BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A. dos; SILVA, R. J. da. **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: Abecin, 2015.

BORTOLIN, S; SANTOS, Z. P. dos. Clube e leitura na biblioteca escolar: manual de instruções. **Infoprod**. Londrina, v. 3, n. 1, p.147-172, jan. 2014. Disponível em:  
<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprod/article/view/21012>> Acesso em: 20 jul 2016.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Média e Tecnológica, 1998.

BUENO, B. O.; REZENDE, N. L. Formador de Leitores, formador de professores: a trajetória de Max Butlen. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 41, n. 02, p. 543-564, abr./jun. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v41n2/1517-9702-ep-41-2-0543.pdf>> Acesso em: 20 jul. 2016.

BUSATTO, C. **Contar e encantar**: pequenos segredos da narrativa. Petrópolis: Vozes, 2003.

BUSATTO, C. **A arte de contar histórias no século XXI**. Petrópolis: Ed Contexto, 2010.

CALDIN, C. F. **A poética da voz e da letra na literatura infantil**: leitura de alguns projetos de contar e ler para crianças. Dissertação (Mestrado em Literatura). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

CAMPBELL, J. **Para viver os mitos**. São Paulo: Cultrix, 1998.

CAMPBELL, J; MOYERS, B. **O poder do mito**. Betty Sue Flowers (Org.).

CÂNDIDO, A. A literatura e a formação do homem. In: **Ciência e Cultura**. São Paulo. USP, 1972.

CASTRO, C. A. Ensino e biblioteca: diálogo possível. **TransInformação**. Campinas, v.15, n. 1, p. 63-72, jan. / abr. 2003. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/1477>> Acesso em: 24 out. 2017.

COELHO, T. **O que é ação cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

COELHO, B. **Contar histórias**: uma arte sem idades. 10. ed. São Paulo: Ática, 1999.

COPPOLA JUNIOR, C.; CASTRO FILHO, C. M. Bibliotecas escolares no ensino fundamental: caminhos para a implantação. **Biblionline**. João Pessoa. v. 8, n. 2, p. 3-15, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/biblio/article/view/12284>> Acesso em: 24 out 2017.

COSTA, Edil Silva. O contador de histórias tradicionais: velhas e novas formas de contar. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; MORAES, Taiza Mara Rauen (Org.). **Contação de Histórias**: tradição, poéticas e interfaces. São Paulo: Sesc, 2015. p. 29-39.

CUNHA, N. **Cultura e ação cultural**: uma contribuição a sua história e conceitos. São Paulo: Edições Sesc SP, 2010.

DALBERIO, O; DALBERIO M. C. B. **Metodologia Científica**: desafios e caminhos. São Paulo: Editora Paulus, 2010.

DAVALLON, J. La mediation: l'acommunication emprocès? **Mediation&Mediateurs**. França, n. 9, v. 1, p. 03-36, 2003. Disponível em: <[http://www.mei-info.com/wp-content/uploads/revue19/ilovepdf.com\\_split\\_3.pdf](http://www.mei-info.com/wp-content/uploads/revue19/ilovepdf.com_split_3.pdf)> Acesso em: 24 out. 2017.

DIEHL, A. A; TATIM, D. C. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas**: métodos e técnicas. São Paulo: Pearson, 2004.

DOHME, V. **Técnicas de contar histórias 1**: um guia para desenvolver suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013a.

DOHME, V. **Técnicas de contar histórias 2**: um guia para desenvolver suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013b.

ELY, N. H. Dimensões da biblioteca escolar no ensino fundamental. **Revista ACB**. Santa Catarina, Florianópolis, v. 8, n. 1, 2003. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/405/509>>. Acesso em: 13 dez. 2015.

ENGEL G.I. Pesquisa Ação. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 16, 2000, p. 181-191.  
Disponível em: <[http://unisc.br/portal/upload/com\\_arquivo/pesquisa\\_acao.pdf](http://unisc.br/portal/upload/com_arquivo/pesquisa_acao.pdf)>.  
Acesso em: 02 mai. 2015.

FARIA, Ana Carolina Cintra; CASTRO FILHO, Claudio Marcondes de. Profissional da informação: estudo dos egressos no estado de São Paulo, mundo do trabalho, habilidades e competências. **Ponto de Acesso**. Salvador, v. 8, n. 3, p.44-63, dez. 2014.

FIALHO, J. F.; ANDRADE, M. E. A. Comportamento informacional de crianças adolescentes: uma revisão da literatura estrangeira. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 36, n. 1, p.20-34, jan/ abr. 2007.

FLECK, F. (Org.). Contar histórias é profissão? O que dizem os contadores. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; MORAES, Taiza Mara Rauen. **Contação de Histórias: tradição, poéticas e interfaces**. São Paulo: Sesc, 2015. p. 315-328.

FLECK, F. O contador de histórias: uma nova profissão? **Enc. Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia**. Florianópolis, v. 1, n. 23, p.216-227, dez. 2007. Semanal.

FRANZ, M. V. **A interpretação dos contos de fadas**. Tradução de Maria Elci Spaccaquerche Barbosa. 1. ed. em 1915. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

GARCEZ, E. F. As competências do bibliotecário na educação básica: reflexões de rede. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 19, n. 4, p. 03-24, out/dez. 2014. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1923>> Acesso em: 24 out. 2017.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIROTTTO, C. G. G. S.; SOUZA, R. J. de. Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreenderem o que leem. In: SOUZA, R. J. de (org.). **Ler e compreender: estratégias de leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

GIORDANO, A. **Contar histórias: um recurso arteterapêutico de transformação e cura**. São Paulo: Artes Médicas, 2007.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

GONÇALVES, D. V. Experiências do passado, discussões do presente: a biblioteca escolar infantil do instituto de educação Caetano de Campos (1936- 1966). **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 19, número especial, p. 195-210, out. / dez. 2014. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/11644579-Experiencias-do-passado-discussoes-do-presente-a-biblioteca-escolar-infantil-do-instituto-de-educacao-caetano-de-campos-1936-1966.html>> Acesso em: 24 out. 2017.

GUEDES, R.de M. **Bibliotecas comunitárias e centros públicos de informação**. Disponível em: <[https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/cultura/docs/11\\_Bibliotecas\\_comunitarias\\_-\\_Roger\\_Guedes.pdf](https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/cultura/docs/11_Bibliotecas_comunitarias_-_Roger_Guedes.pdf)> Acesso em: 10 de mai. 2016.

IFLA/UNESCO. **Directrizes da IFLA/UNESCO para bibliotecas escolares**, 2002.

Disponível em: <<http://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt.pdf>>. Acesso em: 10 jan 2016.

JULIO, A. Das D. S. Biblioteca escolar de instituição particular de ensino: relato de experiência. **Biblioteca escolar em revista**. Ribeirão Preto, v. 2, n. 1, p. 96-105, jan. 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/berev/article/view/106590>> Acesso em 23 out. 2017.

KUHLTHAU, C. **Como usar a biblioteca na escola**: um programa de atividades para o ensino fundamental. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

LISBOA, M. **Para contar histórias**: teoria e prática. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak editora, 2013.

MEIRELLES, C. **Problemas da literatura infantil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MESQUITA NETA, F. A. R.de. A contação de histórias no desenvolvimento da linguagem oral. **Extensão em Ação**. Fortaleza, v. 1, n. 6, p.87-95, jan. 2014.

MOREIRA, A. *et al.* Digitalização de manuscritos históricos: a experiência da casa setecentista de Mariana. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 36, n. 3, p. 89-98, set. /dez. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652007000300011&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652007000300011&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em: 23 out. 2017.

MOREIRA, J. A.; DUARTE, A. B. S. Práticas educativas bibliotecárias de formação de leitor. **Biblioteca escolar em revista**. Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 27-44, 2014. Disponível em: <<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/index.php/article/view/0000021394/68f72aab3a4628397922361057172a31>> Acesso em: 23 out. 2017.

MULLER, M. **Influence du langage sur la pensée mythologique**. Paris: 1868.

NEVES, N. V.; RAMOS, F. B. Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva. **Revista Educação em Questão**. São Paulo, v. 36, n. 22, p.243-247, dez. 2009.

OLIVEIRA, A. **O bibliotecário escolar e a leitura: um estudo sobre a atuação dos profissionais como mediadores**. 2008. 45f. Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Biblioteconomia. Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da UFG. Goiás, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/4332/2/TCCG%20-%20BIBLIOTECONOMIA-%20ANNE%20OLIVEIRA.pdf>> Acesso em: 23 out. 2017.

OLIVEIRA, S. F de. Por uma escola leitora: relato de uma experiência aglutinadora da comunidade escolar em torno de uma missão comum. **Biblioteca escolar em revista**, Ribeirão Preto. v. 2, n. 1, p. 125-137, jan. 2013. Disponível em: <[http://www.premiovivaleitura.org.br/projetos\\_uploads/20112014063137.pdf](http://www.premiovivaleitura.org.br/projetos_uploads/20112014063137.pdf)> Acesso em: 23 out. 2017.



OLIVEIRA, V. G. Projeto “vó, me conta...” vol. 2 In: Prémio professores do Brasil- 7ª Edição – Categorias temas livres, subcategoria Ensino Médio. 2013, São João Evangelista – MG. 2013. **Anais**, Ministério da Educação, 2013, p. 4-11.

PATRINI, M. de L. **A renovação do conto**: emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez, 2005.

PEREIRA, A. P.; BORTOLIN, S. O mediador e a mediação de literatura para crianças surdas. **Biblioteca escolar em revista**. Ribeirão Preto, v. 5, n. 1, p. 83-104, jan. 2016.

PONTY, M. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

RASTELI, A.; CALDAS, R. F.; BOTELHO, A. A contação de histórias como estratégia para o resgate e preservação do patrimônio cultural. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DADOS TECNOLOGIA E INFORMAÇÃO, 3, 2016, Marília. **Anais**. Marília: Unesp, 20172016. v. 2, p. 928 - 941.

RASTELI, A.; CAVALCANTE, L. E. A competência em informações e o bibliotecário mediador de leitura em Biblioteca Pública. Encontros **Bibli: Revista Eletrônica de biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 18, n.36, 2013.

RIBEIRO, A. S; CUNHA, V. A. Ação cultural e biblioteca pública novos caminhos para a educação e o desenvolvimento humano. **ICI**. Bahia, v. 1, n. 1, p. 1- 13, jun. 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/4729/1/AndreiaRibeiro.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

SANTAELLA, L.; NOTH, W. A semiótica na comunicação. In: \_\_\_\_\_. **Comunicação e Semiótica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004. P. 189-224.

SANTOS, A. R. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2009.

SANTOS, M. O. dos; GANZAROLLI, M. E. Histórias em quadrinhos: formando leitores. **Transinformação**. Campinas n. 23, v. 1, p. 63-75, jan/abr. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/480>> Acesso em 28 out. 2017.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. Ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

SHAH, I. **Histórias dos Dervixes**. Rio de Janeiro: Dervish, 1992.

SILVA, R. J. da. **Oralidade e mediação pedagógica de leitura na escola**. In: Bortolin, S. et al (Org.). Mediação Oral da Informação e da leitura. Londrina: Abecin, 2015. Cap. 4. p. 89 – 107.

SILVA, R. J. da. A hora do conto: paradoxos e desafios. **Revista Terra e Cultura**. Londrina, v. 1, n. 43, p.69-78, jul. 2006.

SILVA, M. R. Leitura: mediação e mediador. **Biblioteca escolar em revista**. Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, p. 74-78, jan, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/berev/article/view/106559/105156>> Acesso em: 28 out. 2017.

SOUZA, L. O. de; DELLA BERNARDINO, A. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. **Educare Et Educare**. Cascavel, v. 6, n. 12, p.235-249, jun 2011.

SUAIDEN, E. J. A biblioteca pública no contexto da sociedade da informação. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 29, n. 2, p. 52-60, mai. / ago. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a07v29n2.pdf>> Acesso em: 28 out. 2017.

TEBEROSKY, A.; COLMER, T. Aprender prender a ler e a escrever: uma proposta construtivista. **Revista de Psicopedagogia**. Londrina, v. 21, n. 66, p.269-270, dez 2001.

TEDESCO, J.C. Los desafíos de la educación básica en el siglo XXI. **Revista Iberoamericana de Educación**. Madrid. n. 55. p. 31-47, 2011.

TEIXEIRA, E. Competências transversais para o ofício de aluno: metodologia acadêmica em questão ou quando estudar, ler e escrever faz a diferença. **Trilhas**. Belém, v.1, n.2, p.56-65, 2000.

TORRES, S M.; TETTAMANZY, A. L. L. Contação de história: resgate da memória e estímulo à imaginação. **Revista eletrônica de crítica e de teorias da literatura**. Sessão aberta. Porto Alegre. v. 4. n. 1. p. 1-8, 2008.

TURCHI, M. Z. O estético e o ético na literatura infantil. In: CECCANTINI, J.L. (Org.). **Leitura e literatura infantil: memória de Gramado**. São Paulo: Cultura Acadêmica: Assis, SP: ANEP, 2004. p. 38-44.

VARELA, A. **Informação e autonomia: a mediação segundo Feurstein**. São Paulo: SENAC, 2007.

VASCONCELOS, L. A. **Brincando com histórias infantis: uma contribuição da Análise de Comportamento para o desenvolvimento de crianças e jovens**. São Paulo: ESETEC Editores Associados, 2008.

VIGNOLI, R. G.; BORTOLIN, S. A biblioteca escolar e as mediações com a geração polegar. **Biblioteca Escolar em Revista**. Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 45-49, 2014.

VYGOTSKY, L.S; LEONTIEV, A. N.; LURIA, A. R. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone: Edusp, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WARNER, M. **Da fera a loira: sobre contos de fadas e seus narradores**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. Formação do leitor na história da leitura. In: PEREIRA, V. W. (Org.). **Aprendizado da leitura:** ciências e literatura no fio da história. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 15-29.

XAVIER, M. **O Programa Nacional Biblioteca da Escola e o seu impacto na sala de aula:** a circulação e o acesso do livro de literatura no interior de uma escola municipal de ensino fundamental. 2010. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2010

YUNES, E.; PONDÉ, M. G. **Leitura e leituras da literatura infantil.** São Paulo: FTD, 1988.

ZOHAR, D. **QS:** inteligência espiritual. San Francisco- CA: Ed. Berret-koehler store, 2002.

ZUMTHOR, P. **A letra e a voz:** a literatura medieval. São Paulo: Companhia da Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. A presença da voz. In: \_\_\_\_\_. **Escritura e nomadismo.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2005. p. 61-102.

\_\_\_\_\_. **Introdução a poesia oral.** São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias.** 2 ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2005.

**ANEXO A - Projeto de Lei Nº 7.232 de 2017.****CÂMARA DOS DEPUTADOS****PROJETO DE LEI N.º 7.232, DE 2017**  
**(Da Sra. Erika Kokay)**

Dispõe sobre a regulamentação da profissão de contador de histórias e dá outras providências.

**DESPACHO:**

ÀS COMISSÕES DE:

TRABALHO, DE ADMINISTRAÇÃO E SERVIÇO PÚBLICO; E  
CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE CIDADANIA (ART. 54 RICD)**APRECIÇÃO:**

Proposição Sujeita à Apreciação Conclusiva pelas Comissões - Art. 24 II

**PUBLICAÇÃO INICIAL**

Art. 137, caput - RICD

O CONGRESSO NACIONAL decreta:

Art. 1º - Fica criada a profissão de Contador de Histórias, nos termos desta Lei.

**Parágrafo único:** São considerados Contadores de Histórias os profissionais cuja construção do saber seja desenvolvida no cotidiano de suas comunidades, em que a oralidade exerça papel fundamental na preservação e transmissão do saber e das manifestações da cultura popular.

Art. 2º Para o exercício da profissão de que trata esta lei, será exigido curso de formação com fundamentação teórico-prática para o uso da literatura e das técnicas de contação de histórias como instrumentos didático-pedagógicos no processo de aprendizagem.

Art. 3º São objetivos da profissão de Contador de Histórias:

I – Promover a valorização do patrimônio cultural imaterial brasileiro;

II – democratizar o acesso aos bens culturais imateriais;

III - valorizar a diversidade cultural do povo brasileiro, contribuindo para a difusão das manifestações verbais, poéticas, literárias, musicais e outras modalidades de manifestações artísticas e culturais do povo brasileiro;

IV – Incentivar e promover a disseminação das manifestações artísticas, musicais, poéticas, da oralidade e da literatura brasileira;

V – Fomentar a formação de pessoal qualificado para o exercício da profissão, por meio da pesquisa de repertório e o estudo de técnicas e dos respectivos recursos expressivos para contar e narrar;

VI – propiciar o intercâmbio entre as diversas manifestações da cultura nacional;

VII – promover a integração, sempre que possível, com os profissionais das áreas de educação, de saúde e cultura;

VIII - promover espaços de debates e ações nas áreas de tradição oral e literária, além de reflexão da realidade brasileira a partir da cultura e das artes.

Art. 4º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

### **JUSTIFICAÇÃO**

O acesso aos bens culturais é ainda extremamente modesto para larga parcela da população brasileira. Ora, o conhecimento e a vivência da cultura são elementos fundamentais para assegurar a identidade de uma nação.

Embora ainda não se reconheça o contador de história como profissional, muitos têm na prática cotidiana de suas atividades – contação de histórias para crianças, jovens e adultos em escolas, auditórios, teatros, praças, espaços de convivência, etc. – a sua fonte exclusiva de renda/sobrevivência. Importante salientar que o Plano Nacional do Livro e da Leitura, do Ministério da Cultura, documento base para todos os Estados e municípios brasileiros e DF, reconhece o contador de histórias como membro da cadeia mediadora, mas não orienta ou sugere ações para a valorização de sua atuação e de seu importante trabalho para a cultura nacional.

Há algumas conquistas da categoria em nível local e no mundo, a exemplo do Dia Internacional do Contador de História, comemorado no dia 20 de março. A data foi criada na Suécia, em 1991, como forma de promoção da atividade e fortalecimento da rede internacional de contadores de histórias, sendo essa data celebrada em 25 países de todos os continentes. No DF, a Lei nº 4.545/2011 "Institui a Semana dos Contadores de Histórias no Distrito Federal".

Todavia, a regulamentação da profissão constitui pleito recorrente daqueles que desenvolvem ofício da contação de histórias, motivo pelo qual apresentamos o presente projeto de lei.

Sala das Sessões, em 28 de março de 2017.

Deputada **ERIKA KOKAY –PT/DF**

Deputado **LUIZ COUTO –PT/PB**

No dia 20 de março é comemorado o Dia Internacional do Contador de Histórias. A data foi criada em 1991, na Suécia, e tem como principal objetivo reunir os contadores e promover a prática em todo o mundo. Nesse dia exaltamos as pessoas que dedicam suas vidas a levar alegrias e histórias como meio de divertimento e aprendizado. A arte de contar histórias é bem antiga, uma época em que as histórias contadas de

geração para geração eram os guardiões dos segredos, das memórias e dos aprendizados dos homens. Todos eram contadores de histórias. Assim, mantinha-se viva a história humana: as conquistas, as trajetórias, as dores, os lutos, os amores e as guerras.

A profissão de contador de histórias é antiga, desde a Era Medieval, quando nos castelos, o narrador amenizava os medos e ajudava as pessoas a entenderem melhor o que se passava a sua volta, a enfrentar seus dilemas, extraindo das experiências o aprendizado mais profundo.

O contador de histórias não era um mero reproduzidor de histórias, ele também gerava seus próprios relatos através daquilo que ouvia de seu público, como nos conta Clara, "um narrador de contos é muito mais do que um simples contador ou "repetidor" de histórias. Narradores Oraís são portadores da palavra de uma longa tradição, que vem desde os tempos mais remotos. Para ser fiel a esta tradição é necessário muito empenho, dedicação, amor e constante renovação e inspiração".

Hoje, pode-se afirmar que há uma demanda crescente por este profissional, principalmente nas escolas. Algumas destas instituições chegam a reservar um espaço no currículo escolar para este evento. Às vezes até mesmo professores e bibliotecários são preparados para exercerem esta tarefa no âmbito escolar

#### **LEGISLAÇÃO CITADA ANEXADA PELA**

Coordenação de Organização da Informação Legislativa - CELEG

Serviço de Tratamento da Informação Legislativa - SETIL

Seção de Legislação Citada - SELEC

#### **LEI Nº 4.545, DE 02 DE MARÇO DE 2011**

Institui a Semana dos Contadores de Histórias no Distrito Federal e dá outras providências.

O GOVERNADOR DO DISTRITO FEDERAL, faço saber que a câmara legislativa do distrito federal decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º Fica instituída a Semana dos Contadores de Histórias no Distrito Federal, a ser celebrada, anualmente, na última semana de julho.

Parágrafo único. A Semana dos Contadores de Histórias no Distrito Federal acontecerá em homenagem a Luis da Câmara Cascudo, falecido em 30 de julho de 1986.

Art. 2º A Semana dos Contadores de Histórias no Distrito Federal tem como objetivos:

- I – valorizar o patrimônio cultural imaterial brasileiro;
- II – democratizar o acesso aos bens culturais imateriais;
- III – valorizar a diversidade cultural brasileira;

5

IV – contribuir para a difusão das manifestações das artes verbais, poéticas da oralidade e da literatura brasileira;

V – incentivar a formação de pessoal qualificado para difusão das artes verbais;

VI – propiciar o intercâmbio entre as diversas culturas;

VII – promover espaço de debates e ações nas áreas de tradição oral e literatura.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º Revogam-se as disposições em contrário.

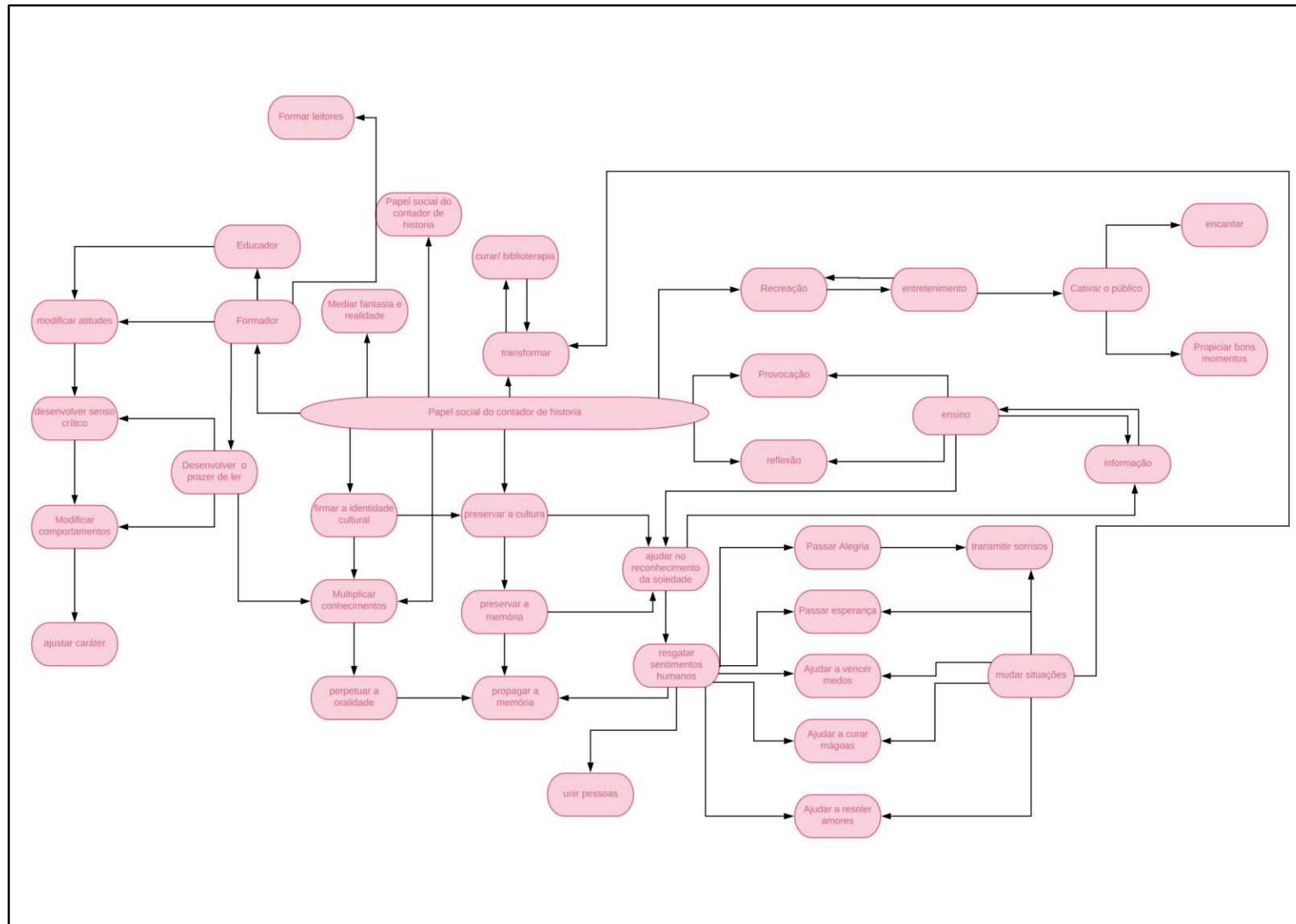
Brasília, 02 de março de 2011

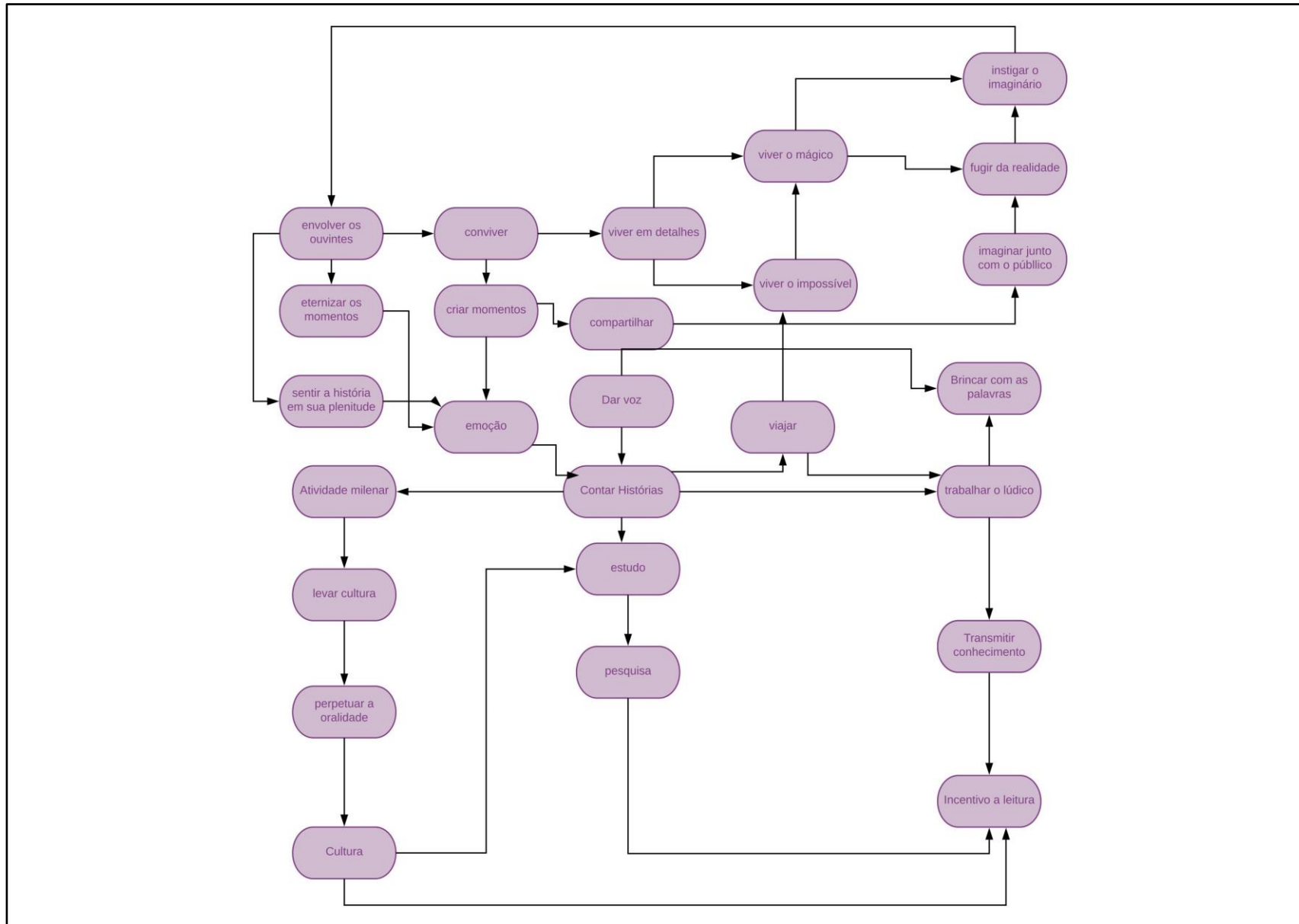
AGNELO QUEIROZ

**FIM DO DOCUMENTO**



## ANEXO B - Mapas Conceituais





## APÊNDICE A - Formulário Online

The image shows a screenshot of a Google Forms survey titled "Contação de Histórias". The browser address bar shows the URL: <https://docs.google.com/forms/d/1yPbBQJQBYAcDL-U7Jxw8Xpn2ZF0WEOcbiMPPmm8HKRw/edit>. The browser tabs include "Apps", "Bookmarks", "Facebook", "Curso Online de Coni", "Video Recorder - Gra", and "Pijama para Bebês - L".

**Contação de Histórias**

Queridos e queridas Contadres (as) de Histórias, esse formulário tem por finalidade auxiliar na minha dissertação de Mestrado na UNESP- Marília, na área da Ciência da Informação, onde, sob a orientação do Prof. Dr. Claudio Marcondes de Castro Filho estudo sobre o perfil social, assim como as competências, formação. recursos que utilizam entre outros tópicos, conto com a colaboração de todos e me disponho a responder qualquer dúvida....

**Endereço de e-mail \***

Endereço de e-mail válido

Este formulário coleta endereços de e-mail. [Alterar configurações](#)

**Qual sua Idade? \***

Texto de resposta curta

**Qual seu Estado? \***

Texto de resposta curta

**Qual sua formação profissional? \***

At the bottom of the form, there is a question mark icon in a circle. The Windows taskbar at the bottom shows icons for Windows, VLC, Word, PowerPoint, Chrome, and File Explorer. The system tray on the right shows "PT", network status, volume, and the date/time "02:40 13/10/2017".

Contaçon de Histórias - F x

Seguro | <https://docs.google.com/forms/d/1yPbBQJQBYAcDL-U7Jxw8Xpn2ZF0WEOcbiMPPmm8HKRw/edit>

Apps ★ Bookmarks Facebook Curso Online de Coni Video Recorder - Gra Pijama para Bebés -

Qual sua formação profissional? \*

Texto de resposta curta

Há quanto tempo conta histórias? \*

Texto de resposta curta

Fez algum curso de contaçon? Caso a resposta seja positiva, quantos, e onde? \*

Texto de resposta longa

Porque fez um curso de contaçon de histórias? (Caso a resposta positiva a pergunta anterior)

Texto de resposta longa

Onde costuma contar histórias? \*

02:41  
13/10/2017

Contaçon de Histórias - F X

Seguro | <https://docs.google.com/forms/d/1yPbBQJQBYAcDL-U7Jxw8Xpn2ZF0WEOcbiMPPmm8HKRw/edit>

Apps ★ Bookmarks Facebook Curso Online de Conti Video Recorder - Gra Pijama para Bebês -

Qual a faixa etária do seu público? \*

Texto de resposta curta

Qual tipo de histórias gosta de contar? Pode citar algum livro? \*

Texto de resposta longa

Qual os recursos que gosta de utilizar para contar suas histórias? \*

Texto de resposta curta

Acredita que qualquer um pode contar histórias? \*

☐ sim

☐ não

02:42 13/10/2017

Acredita que para contar histórias é preciso fazer algum curso? \*

☐ sim

☐ não

Para você o que é Contar Histórias? \*

Texto de resposta longa

Para você, qual é o papel do contador de histórias perante a sociedade? \*

Texto de resposta longa